



Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política
Bacharelado em Ciência Política

Meu primeiro voto: 17?!

As narrativas da juventude do DF que votou em Jair Bolsonaro

Gabrielle Alves de Paula

Brasília, 2019

Gabrielle Alves de Paula

Meu primeiro voto: 17?!

**As narrativas da juventude do DF que votou em Jair
Bolsonaro**

Monografia apresentada ao Instituto de Ciência Política (IPOL) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Ciência Política.

Orientadora: Professora Dra. Marisa von Bülow

Brasília, 2019

Gabrielle Alves de Paula

Meu primeiro voto: 17?!

**As narrativas da juventude do DF que votou em Jair
Bolsonaro**

Monografia apresentada ao Instituto de Ciência
Política (IPOL) da Universidade de Brasília
(UnB) como requisito parcial à obtenção do
título de bacharel em Ciência Política.

Profa. Dra. Marisa von Bülow

Orientadora

Profa. Dra. Rebecca Abers

Parecerista

Non ridere, non lugere, neque detestari, sed intelligere.

Baruch Spinoza

Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo.

Paulo Freire

A crise da educação no Brasil, não é uma crise; é um projeto.

Darcy Ribeiro

Agradecimentos

Concluir uma graduação na Universidade de Brasília, estou sonhando? Começo agradecendo aos meus avós, cuja árdua jornada pela vida resultou em quem eu sou hoje, em especial a minha avó Lindauria, por me passar o gene de contadora de histórias. Aos meus pais, Cibele e Sérgio, cujo apoio foi essencial para a conclusão desse curso, apoiando as minhas ideias e projetos e por nunca me deixarem passar necessidade alguma. Por sempre colocarem livros ao alcance das minhas mãos e culturas diferentes ao alcance dos meus olhos, vocês criaram uma pessoa curiosa até demais.

Agradeço a minha irmã Isabelle, por ter aguentado minhas variações de humor e por ser sempre minha confidente. Quem diria que o mundo ganharia uma dimensão maior que a varandinha? Às minhas primas e aos meus primos, em especial ao Augusto por transmitir a paixão pela esquerda.

Aos meus amigos, Pedro Leal, pelos infinitos mnemopapos. Daniela Teles, Pedro Branco e Mikael Victor, pelas críticas construtivas. Luísa Jobim, Maria Grazi e Isa Domingos este trabalho estaria incompleto sem a ajuda de vocês. Murilo e Gi, eu não teria conseguido esse intercâmbio sem vocês. A Caroline Rosa, Isabela Araújo por serem amigas sempre presentes. Aos amigos que conheci na Youth Assembly, pessoas que me inspiram com a coragem para enfrentar o mundo.

Aos meus professores, Tereza que me ensinou a ler e a escrever. Gilberto e Mattos por despertarem meu amor pela história, Igor pela sociologia, Covinha pela filosofia e Yuri pela literatura, campos de ensino ameaçados pelo governo atual e que moldaram meu pensamento crítico. Edson Farias, o melhor professor que tive na graduação e Marisa von Bülow, a melhor professora e orientadora. E aos membros do grupo de pesquisa Resocie, especialmente a professora Rebecca pela leitura tão atenciosa desta monografia.

Aos meus autores favoritos, Proust, Gabo, Kundera, Miller, Lispector, Veríssimo, Angelou e Cecília Meirelles, pela companhia constante e exercício de sensibilidade.

À Universidade de Brasília, onde tudo começou e à Sorbonne Nouvelle Paris 3

por ter me acolhido na produção final desse trabalho.

Resumo

Em 2018, Jair Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil. Tendo como desafio compreender as narrativas da parcela juventude que deu sua primeira participação política nessas eleições, essa monografia utiliza a metodologia de grupos focais, propondo uma análise não só de suas narrativas como dos processos que deram origem a elas. Desta forma, foram classificadas as narrativas em não-expressas e expressas. E, buscando demonstrar as suas conexões, são utilizadas as teorias de socialização e subjetivação da psicologia social, para elucidar pautas como o “Kit Gay” e o antipetismo.

Palavras-chave: Jair Bolsonaro, eleitorado, juventude, eleições2018, antipetismo, kitgay, psicologia social, narrativas.

Abstract

In 2018, Jair Bolsonaro was elected President of Brazil. The goal of this study is to understand the narratives of the youth that participated for the first time in electoral politics by voting on Bolsonaro. The methodological technique of focus groups is used, proposing an analysis not only of their narratives but also of the processes that gave rise to them. In this way, the narratives were classified as non-expressed and expressed. And, trying to demonstrate their correlations, theories of socialization and subjectivation of social psychology are used, to clarify guidelines such as the "Gay Kit" and "antipetism".

Palavras-chave: Jair Bolsonaro, narratives, elections2018, brazilian elections, antipetism, kitgay, social psychology, narratives, Brazil.

LISTA DE QUADROS 1 2 3 4

QUADRO 1
QUADRO 2
QUADRO 3

LISTA DE FIGURAS 1 2 3

FIGURA 1
FIGURA 2

LISTA DE ESQUEMAS

ESQUEMA 1

SUMÁRIO

PRÉFACIO

1. INTRODUÇÃO

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 GRUPOS FOCAIS

2.1.1 OPERACIONALIZAÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS

2.1.2 A REALIZAÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS
--

3. AS NARRATIVAS DO PRIMEIRO VOTO

3.1. NÃO-EXPRESSAS (ESPIRAL DO SILÊNCIO)

3.2. EXPRESSAS

4. NARRATIVAS ECOLÓGICAS (ISN)

4.1 ESCOLAR

4.2 FAMILIAR

4.3 VIRTUAL QDO EXPRESSO

5. NARRATIVAS EMOTIVAS

6. NARRATIVAS ESQUEMÁTICAS (esquemas mentais)

7. NARRATIVAS CONTÍNUAS

7.1 Memes

7.2 Fake News (Kit Gay)

7.3 Antipetismo

8. CONCLUSÃO

FORMULÁRIOS

TERMOS GRUPOS FOCAIS

PRÉFACIO

Primeiramente, trago um breve relato pessoal de como foi a minha experiência com este trabalho. Agora, livre de toda a ansiedade do período eleitoral, posso olhar para trás e afirmar que a academia em si não me preparou para a vida real. Não me preparou para ser uma pesquisadora mulher, não me preparou para os assédios, nem para as mil vezes que pensei em trocar de tema. Acaba sendo o que me disseram uma vez: “o que importa é o caminho, não o fim”.

Apesar de ter sido um caminho escorregadiço, posso afirmar que me surpreendeu, conheci pesquisadoras e pesquisadores incríveis, participei em uma eleição pela primeira vez, militei, protestei e tiveram momentos que eu admito que tive que abandonar a pesquisa para poder me envolver mais com o que estava acontecendo no momento, porém esse pode ser um outro trabalho onde o foco poderá ser nos eleitores jovens do Haddad e como foram as mobilizações para o #EleNão e o #ViraVoto; ou como todos voltaram a dialogar uns com os outros quando já sabíamos o resultado.

Estudar “o outro” é algo que sempre admirei, mas acredito que acabou exigindo mais coragem e determinação do que eu imaginava, deixo aqui toda a minha admiração aos antropólogos.

Vale mencionar três lições pessoais que tirei desse trabalho e que agora posso compartilhar com o leitor:

1. É impossível mostrar algo para quem se recusa a enxergar. Ideias cegam;
2. Nosso desafio é o de aprender a colocar os mesmos óculos dos objetos de pesquisa e aprendermos a ser bons ouvintes, “escutar com a intenção de entender, não de responder”;
3. Política é emoção e quem consegue fazer a sua gestão, detém o poder. Algo que as políticas de desinformação potencializadas pelas mídias sociais fizeram com sucesso nas últimas eleições;

O objetivo inicial dessa pesquisa era traçar um perfil do eleitorado jovem do candidato, algo que tornou-se impossível devido a sua fragmentação, multiplicidade de atores e a própria incapacidade de enquadrar a complexidade individual em um perfil genérico e possivelmente incompleto.

Agora que eu compreendo suas narrativas, vejo que ainda temos um longo caminho a percorrer como cidadãos e um dos primeiros passos é investirmos em uma educação que nos ensine a dialogar com as diferenças, algo que hoje parece distante com tantos cortes orçamentários na área. Graças a esse contato empírico, acredito que pude mudar meu olhar, já que para realizar a pesquisa como um todo tive que me aproximar dos entrevistados e conquistar a sua confiança.

Por fim, trago aqui uma análise dos dados que coletei, tentando trazer um pouco do que compreendi para o leitor. O trabalho visa contribuir para os debates do campo da psicologia política no que tange as narrativas de uma parcela da juventude do DF, apresentando a complexidade das preferências eleitorais que acaba por impedir generalizações. Vale enfatizar que a análise é do eleitorado, não do ex-candidato e atual presidente Jair Bolsonaro.

Quanto a Bolsonaro, o tempo é juiz e até agora ele só comprovou a sua incapacidade de ser presidente de um povo tão complexo como o povo brasileiro.

1. INTRODUÇÃO

Em julho de 2018, Jair Bolsonaro foi confirmado como candidato às eleições presidenciais no Brasil, conquistando a vitória em outubro do mesmo ano. Todavia, este projeto de pesquisa fora pensado na metade de 2018, momento no qual considerava-se tanto a derrota como a vitória do candidato. Desta forma, no princípio deste trabalho não era possível prever se o candidato chegaria ao segundo turno. Tais circunstâncias tornaram a metodologia fluida para acompanhar as dinâmicas políticas e acontecimentos paralelos, tendo sido utilizados grupos focais como fonte principal de dados para a pesquisa.

O objetivo central deste trabalho é analisar as narrativas dos jovens eleitores do candidato que deram o seu primeiro voto em 2018 no DF, ou seja, aqueles que realizaram sua primeira participação eleitoral da vida nessas eleições. Considerando o conceito de socialização política, ou seja, o processo de preparação do jovem para assumir seu lugar ulterior de cidadão, consciente de seus direitos e deveres políticos, a juventude foi escolhida como eixo principal de análise neste trabalho.

Baseada nos dados coletados, foram identificadas narrativas não-expressas que se relacionam com a teoria de espiral do silêncio da comunicação, considerando que o seu conhecimento só se deu através da realização dos grupos focais, e três narrativas expressas que justificam o voto, sendo essas potencialmente expressas em espaços públicos e privados (virtuais/reais) favoráveis a essa manifestação. Estas últimas são as seguintes:

1. Narrativa ecológica: relaciona a influência do ambiente (escola, família, mídias sociais) na construção da justificativa de escolha do candidato;
2. Narrativa emotiva: localiza emoções centrais como motor das ações políticas;
3. Narrativa esquemática: associada aos esquemas mentais individuais, ou seja, aos preconceitos de cada um.

Estes três tipos de narrativas podem ser vistas como processos da psicologia social no processo de individualização do cidadão, tomando a narrativa ecológica

como os meios de socialização em si, a emotiva como a reação a esses meios e a esquemática como processo final da internalização dos processos exteriores. Com o objetivo de ilustrar esse esquema, serão analisadas pautas como o “Kit Gay” e o “antipetismo”, e como se dá o processo de construção da validade dessas narrativas, perpassando as teorias da psicologia social sociológica.

Desta forma, o trabalho apoia-se em vários campos do conhecimento, como a psicologia política e a comunicação para tentar elucidar os aspectos supracitados.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O desenho da presente pesquisa é baseado nas coletas de dados feitas a partir dos grupos focais, e de forma complementar a essa metodologia foram utilizados surveys. A análise foi essencialmente qualitativa e o objetivo central é apresentar as narrativas utilizadas pelos eleitores jovens de Jair Bolsonaro.

2.1 GRUPOS FOCALIS

Dentre as diferentes técnicas para obtenção de dados qualitativos, optou-se por realizar a metodologia de grupos focais. Diversos referenciais teóricos fundamentam a escolha dessa técnica, como a definição dada por Morgan (1997), na qual os grupos focais derivam de entrevistas grupais, que coletam informações por meio das interações grupais e Kitzinger (2000), de acordo com quem a comunicação e interação são o núcleo das entrevistas com grupos.

A formação de um grupo focal obedece a critérios previamente determinados pelo pesquisador, de acordo com os objetivos da investigação, cabendo a ele a criação de um ambiente favorável à discussão, que propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista. (PATTON, 1990; MINAYO, 2000).

Gaskell considera que os grupos focais devem/podem propiciar um debate aberto e acessível em torno de um tema de interesse comum aos participantes. Um debate que se fundamenta numa discussão racional, na qual as diferenças de status entre os participantes não são levadas em consideração. Nesse sentido, o grupo focal...

...é um debate aberto e acessível a todos; os assuntos em questão são de interesse comum; as diferenças de status entre os participantes não são levadas em consideração; e o debate se fundamenta em uma discussão racional. Nesta característica final, a ideia de “racional” não é que a discussão deva ser lógica ou desapaixonada. O debate é uma troca de pontos de vista, ideias e experiências, embora expressas emocionalmente e sem lógica, mas sem privilegiar indivíduos particulares ou posições (2002, p.79).

Ainda de acordo com Gaskell, o **grupo focal** “é um ambiente mais natural e holístico em que os participantes levam em consideração os pontos de vista dos outros na formulação de respostas e comentam as suas próprias experiências e as dos outros” (2002, p.77).

A utilização da técnica do grupo focal permite levantar informação qualitativa para a pesquisa e ainda representar um ganho pedagógico para os participantes, uma vez que as experiências dos participantes e os desafios cognitivos desenvolvem seus argumentos e, algumas vezes, até mesmo modificam suas opiniões durante o debate (BILLIG, 1996; DOLMANS et al. 2001).

A técnica dos grupos focais pode proporcionar uma ampla variedade de dados, como por exemplo a comunicação não verbal, o tom de voz, a linguagem corporal e as emoções. Desta forma foi escolhida como técnica ideal para a identificação das narrativas dos eleitores de Jair Bolsonaro. O foco do presente trabalho consiste em dois dos diversos eixos das análises qualitativas, porém sem o devido aprofundamento na análise micro interlocutor, pois sua análise completa, como ilustrada no quadro a seguir, depende de uma equipe com recursos financeiros e temporais suficientes para sua plena execução:

Quadro 1: Eixos qualitativos

EIXOS QUALITATIVOS

<p>Análise Narrativa</p>	<p>Considera o potencial das histórias para dar sentido à vida do indivíduo e trata os dados como histórias, permitindo aos pesquisadores observar a avaliação própria dos participantes da pesquisa.</p>
<p>Análise Micro Interlocutor</p>	<p>Analisa as informações das respostas de cada participante de um ou mais grupos focais, observando as características emocionais, como os participantes falam, a comunicação não verbal usada, e assim por diante.</p>

Fonte: Leech e Onwuegbuzie (2008, p.8)

2.1.1 Operacionalização dos Grupos Focais no âmbito do Projeto

Quantidades e Período

O objetivo inicial era que houvesse a participação de no mínimo 7 pessoas por grupo focal. A quantidade de grupos seria determinada ao longo da pesquisa até que fosse atingido um ponto de satisfação com a coleta de dados, priorizando a realização de pelo menos 1 grupo focal antes, durante e depois das eleições. Como resultado, os grupos foram divididos da seguinte maneira:

Quadro 2: Grupos Focais

GF	DATA	CONVIDADOS	COMPARECIMENTO
1	06.09.2018	7	3
2	20.09.2018	7	2
3	16.10.2018	10	2
4	21.10.2018	3	3
5	30.11.2018	2	2

Fonte: elaboração própria.

Vale ressaltar os seguintes recortes temporais: 07/10/2018, data do 1º Turno das Eleições, e 28/10/2018, data do 2º Turno das Eleições.

Espaço Físico

Para a sua realização, foram reservados espaços apropriados, de fácil acesso para os participantes, com preferência para espaços gratuitos. O ideal era conseguir uma sala que abrigasse confortavelmente o número previsto de participantes e moderadores e que estivesse protegida de ruídos e interrupções externas. Foi dada a preferência pela realização, quando possível, no Instituto de Ciência Política, na sala do Grupo de Pesquisa Resocie. Os participantes foram distribuídos em cadeiras arrumadas em forma circular.

Equipamentos que foram usados nos grupos focais

Quanto aos equipamentos requeridos, o uso de gravador foi considerado imprescindível, sendo utilizado o aplicativo Gravador do aparelho iPhone. Vale

ressaltar que a utilização deste recurso foi condicionada à expressa permissão dos participantes dos grupos (ver termos de consentimento em anexo). Também foi importante tomar nota das falas e comentários, tanto quanto possível, seja através de anotações manuais ou com o auxílio de um computador.

Duração do grupo focal

O número de participantes no grupo focal influenciou, sem dúvida, na sua duração. A complexidade do tema ou o grau de polêmica em torno das questões que se apresentaram são outros fatores que interferiram neste ponto.

Quadro 3: Duração

GF	DURAÇÃO
1	53m 57s
2	1h 52m 29s
3	1h 08m 29s
4	22m
5	14m 44s

Fonte: elaboração primária.

Supõe-se que os 2 últimos grupos focais tiveram a duração reduzida devido ao fato de que eram estudantes do Ensino Médio não acostumados com debates políticos frequentes. No caso destes participantes, as respostas eram curtas e não demonstravam muito interesse no debate. O Grupo 2 teve caráter excepcionalmente duradouro, pois um dos participantes se alongava em suas respostas e mesmo com a pesquisadora pedindo para o retorno do foco, as respostas continuavam extensas.

Características dos participantes

Os participantes de um grupo focal devem apresentar certas características em

comum que estão associadas à temática central em estudo. O grupo deve ser, portanto, homogêneo em termos de características que interfiram radicalmente na percepção do assunto em foco. Barbour e Kitzinger (1999) recomendam que os participantes sejam selecionados dentro de um grupo de indivíduos que convivam com o assunto a ser discutido e que tenham profundo conhecimento dos fatores que afetam os dados mais pertinentes.

Nesta pesquisa, a intenção inicial de seleção dos entrevistados que integrariam cada um dos grupos buscava garantir o máximo de heterogeneidade na composição dos grupos quanto ao sexo, raça/cor, idade, escolaridade, etc. Porém, dada a dificuldade de recrutamento dos participantes, optou-se por utilizar como critério a disponibilidade de comparecimento.

Quadro 4: Participantes dos Grupos Focais.

CARACTERÍSTICAS E DESCRIÇÃO	
<p>Característica principal:</p> <p>Jovem eleitor(a) cuja primeira participação em eleições para presidente da República se deu em 2018.</p>	<p>Quantidade:</p> <p>100% dos participantes.</p>
<p>Características secundárias:</p> <p>Idade</p>	<p>1 Jovem de 16 anos; 2 Jovens de 17 anos; 1 jovem de 19 anos; 5 jovens de 20 anos; 3 jovens de 21 anos.</p>

Sexo	9 homens; 3 mulheres.
Escolaridade	7 participantes do Ensino Superior; 3 participantes do Ensino Médio; 2 participantes não estudantes.

Fonte: elaboração primária.

O convite para o GF

O convite para participar do grupo focal foi feito, inicialmente, de maneira pessoal dentro da própria rede social da pesquisadora. Porém, a maneira mais eficiente acabou sendo a técnica de bola de neve: um participante indicava outro e encaminhava o seu contato. Vale destacar a dificuldade de acesso a essa específica rede de eleitores devido ao grande afastamento da pesquisadora do objeto de pesquisa.

No contato com os participantes foram enfatizadas as seguintes informações:

- o caráter voluntário da participação;
- os objetivos gerais da pesquisa e do grupo focal;
- dia, hora e local de realização do Grupo Focal;
- Foi oferecido um lanche no final do grupo focal, custeado pela própria pesquisadora.

Survey

Para que houvesse maior diversidade na amostra, foi elaborado um *survey* de pré-seleção de estudantes do Ensino Médio. Para determinar os locais de aplicação, foram realizadas reuniões presenciais em 5 escolas do plano piloto e 2 da Ceilândia, pois estudantes entre 16 e 18 anos podem ser encontrados no Ensino Médio. Em cada instituição, para solicitar permissão para a aplicação desse *survey* para os estudantes,

foram necessários agendamentos com a coordenação, sendo ela responsável por aceitar ou não o pedido. O *survey* foi avaliado por todas as escolas (E) e 5 pedidos foram negados com as seguintes justificativas:

E1 — “Infelizmente não podemos autorizar pesquisas eleitorais, pois isso abre margem para que outros instituições possam fazer esse tipo de pesquisa aqui na escola e não queremos atrapalhar os alunos com esses assuntos políticos”;

E2 — “Não podemos autorizar pois caso algum aluno reclame com algum pai, a nossa instituição terá que se responsabilizar”;

E3 — “Teremos que negar o pedido pois o projeto escola sem partido está aí, né? Não queremos nos envolver em problemas políticos”;

E4 — “Não podemos autorizar devido ao vestibular e PAS, isso pode atrapalhar o andamento de alguma aula importante para os alunos”.

Em outra escola, de tradição militar, não foi autorizada a reunião presencial, rejeitando minha solicitação por telefone.

Após a autorização da escola na Ceilândia, foram aplicados 36 formulários em 3 turmas diferentes, dentre eles 17 assinalaram voto no Bolsonaro no 1º turno e os outros se dividiram entre Ciro Gomes (15), Fernando Haddad (3) e Marina Silva (1). Para que não houvesse desperdício de folhas, foi realizada a pergunta filtro “Quem possui título de eleitor?”. Só foram aplicados formulários para os votantes.

Durante a aplicação dos formulários, chamou atenção o fato de que quando revelado o seu tema, as 2 salas de ensino médio saíram de um estado neutro para de total agitação. Alguns estudantes começaram a gritar com os outros, e os meninos, em sua grande maioria, começaram a fazer gestos de arma com as mãos e rir alto. Vale ressaltar a ênfase dada na marcação de alguns formulários:

5. Dentre os seguintes candidatos a presidência, qual você pretende votar no 1º turno das eleições de 2018?

- a. Marina Silva
- b. Ciro Gomes
- c. ~~Geraldo Alckmin~~
- d. Jair Bolsonaro
- e. Cabo Daciolo
- f. Henrique Meirelles
- g. João Amoêdo
- h. Guilherme Boulos
- i. Fernando Haddad
- j. Votarei Nulo
- k. Votarei em Branco
- l. Não sei ainda

Imagem 1: Formulário marcado.

5. Dentre os seguintes candidatos a presidência, qual você pretende votar no 1º turno das eleições de 2018?

- a. Marina Silva
- b. Ciro Gomes
- c. Geraldo Alckmin
- d. Jair Bolsonaro
- e. Cabo Daciolo
- f. Henrique Meirelles
- g. João Amoêdo
- h. Guilherme Boulos
- i. Fernando Haddad
- j. Votarei Nulo
- k. Votarei em Branco
- l. Não sei ainda

Imagem 2: Formulário marcado

Posteriormente, ao entrar em contato com os alunos que assinalaram Jair Bolsonaro no formulário, não foram realizados os grupos focais com esses estudantes por diversos motivos:

- Deslocamento: A impossibilidade do deslocamento tanto da pesquisadora como dos alunos para um local em comum, além dos diferentes horários de cada um;
- Mensagens indesejadas: Dada a apresentação da pesquisadora nas salas de aula, alguns alunos utilizaram da conversa privada que até então tinha como objetivo marcar um horário de encontro para o grupo focal, para enviar mensagens que fugiam do âmbito acadêmico da pesquisa. O mesmo ocorreu no processo de seleção por bola de neve;
- Não comparecimento: Após conseguir marcar com 3 alunos, nenhum compareceu na data combinada, alegando problemas pessoais.

Como balanço geral, acredita-se que o *survey* foi uma ferramenta eficaz de pré-seleção, já que proporcionou uma quantidade de respostas adequada para o curto período de tempo. No que concerne o não comparecimento, diversas justificativas foram apresentadas, como a falta de incentivo para o deslocamento até os grupos focais, mesmo com a pesquisadora flexibilizando a localização, tendo sugerido fazê-los em locais como:

- A Universidade de Brasília; Biblioteca Nacional; Escola do aluno.

Rejeições

Após a realização de novos convites para os alunos selecionados pelo survey, houveram rejeições. A seguir, trechos extraídos de respostas dadas por mensagem de texto (M):

M1 — “Me desculpa, mas pelo menos por enquanto não to querendo fazer isso não kkkkk não tô nem discutindo política com ninguém, inclusive com quem concordo”;

M2 — “Acho que participar desse grupo não vai ser uma boa pra mim, até porque o pessoal da UnB é totalmente contra o Bolsonaro, e eu não quero ficar em nenhum tipo de polêmica, sabe? Sou contra o comunismo e tenho minha opinião formada, mas mesmo assim obrigada. Beijoss”;

M3 — “Eu até não sei pq que o X foi me indicar, pq eu realmente evito pronunciar em quem eu voto. Até por causa desses casos de perseguição, lixamento, sei lá, hahah Ai na UnB é reduto de um linha de pensamento de esquerda né”;

M4 — “Tô preferindo manter amizades e o bom convívio no meu meio do que gerar mais polêmica”.

Afigurou-se como elemento importante a construção de uma confiança prévia a realização dos grupos focais, pois como exemplificado acima, o fato da pesquisadora ser da Universidade de Brasília, foi um obstáculo na construção dessa relação e os participantes sentiam-se ameaçados em expressar sua opinião para alguém que teoricamente pensava oposto deles. (RESSEL, 2008)

Papel do Pesquisador

Vale ressaltar a dificuldade de realização dos grupos focais sem recursos financeiros. Contratar alguém para auxiliar nos grupos focais, transcrever os áudios e os diversos deslocamentos até as escolas, consistiram em despesas cobertas com verba pessoal da pesquisadora, o que acarretou em uma limitação no número de grupos focais realizados. Para auxiliar a pesquisadora, foi contratada uma estudante de Psicologia do UniCEUB, Luísa Jobim, que ajudou a realizar anotações e análises pertinentes de 2 grupos focais. O papel de moderação ficou a cargo da pesquisadora principal.

Scrimshaw e Hurtado (1987, p. 12) identificam como atribuições do

moderador de grupo focal: (a) introduzir a discussão e a manter acesa; (b) enfatizar para o grupo que não há respostas certas ou erradas; (c) observar os participantes, encorajando a palavra de cada um; (d) buscar as “deixas” da própria discussão e fala dos participantes; (e) construir relações com os informantes para aprofundar, individualmente, respostas e comentários considerados relevantes pelo grupo ou pelo pesquisador; (f) observar as comunicações não verbais e o ritmo próprio dos participantes, dentro do tempo previsto para o debate.

Exercer a moderação de um grupo focal requer algumas habilidades específicas no manejo de discussões em grupo. Foi preciso ter sensibilidade e bom senso para conduzir o grupo de modo a manter o foco sobre os interesses do estudo, sem negar aos participantes a possibilidade de expressar-se espontaneamente.

O moderador de grupo deve exercer um papel menos diretivo e mais centrado no processo de discussão; alguns moderadores dirigem o grupo de tal modo que a discussão gira em torno de suas opiniões, e não daquelas expressas pelos participantes (GONDIM, 2002). Deve ter o cuidado, como adverte Minayo (2000), de não induzir o grupo, de forma consciente ou não, a partir de seu ponto de vista.

O objetivo do grupo foi expresso de forma clara no momento de abertura dos trabalhos, sinalizando as questões centrais nas quais a discussão iria se concentrar.

Após breve apresentação dos participantes, procedeu-se para a especificação das regras básicas de funcionamento dos grupos, esclarecendo de partida o papel do moderador. Gondim (2002) apresenta uma lista básica de regras para esta ocasião, a saber: 1) falar uma pessoa de cada vez; 2) evitar discussões paralelas para que todos possam participar; 3) dizer livremente o que pensa; 4) evitar o domínio da discussão por parte de um dos integrantes; 5) manter a atenção e o discurso na temática em questão.

O moderador assegurou, ainda, que todos os participantes tenham assinado previamente o termo de consentimento livre e esclarecido, pois foram realizadas gravações de áudio em todos os grupos, transcritos com a ajuda de uma estudante contratada de Letras da Universidade de Brasília.

Roteiro de discussão

O roteiro da discussão foi elaborado segundo a linha de pesquisa do interacionismo simbólico, na qual os significados que são atribuídos pelos indivíduos são a chave para a compreensão do processo social, sendo papel do investigador se apoderar desses significados que são experienciados pelos participantes em um contexto particular (Jeon, 2014).

Os significados são um produto social e uma criação que emana das atividades dos indivíduos à medida que estes interagem, ou seja, estão sujeitos a modificação constante mediada por um processo interpretativo desenvolvido por cada indivíduo a medida que este vai interagindo com o meio.

Essa perspectiva epistemológica, portanto, entende que, para lastrear sua base empírica, o pesquisador deve ser capaz de interagir ativamente com as pessoas que estão sendo pesquisadas e de ver as coisas do seu ponto de vista no seu contexto natural. Como argumenta Jeon (2004):

Por conseguinte, quando adota a abordagem interacionista, o pesquisador precisa estar ativamente engajado no mundo em estudo e empreender uma análise de suas partes fundamentais, por meio das técnicas de exploração e inspeção. (JEON, 2004, p.29)

A técnica de exploração pode recorrer a observação direta, entrevistas, cartas, diários, discussões de grupo, com o objetivo central de traçar um quadro em estudo da forma mais completa e precisa possível. Já a técnica de inspeção consiste em uma análise de diferentes ângulos, onde as perguntas devem ser feitas e refeitas de forma contínua.

Outra técnica de exploração utilizada nessa pesquisa, além dos grupos focais, se deu através de um trabalho de observação participante feito em mídias sociais como Facebook, Whatsapp e Telegram nos meses anteriores às eleições. Os tópicos recorrentes (kit gay, utilização de memes, antipetismo...) orientaram a formulação do roteiro dos grupos, dados que não foram incluídos ao longo da pesquisa devido as suas limitações éticas, como por exemplo, a divulgação de dados privados dos usuários sem o seu consentimento.

Essa investigação tem como finalidade elucidar os significados que os próprios sujeitos põem em prática para a estruturação social e construção de suas individualidade.

Trechos e transcrições selecionados para a pesquisa

As transcrições foram feitas *ipsis litteris* tentando manter as marcas da comunicação oral. Os participantes foram selecionados e codificados com uma letra e o grupo focal respectivo. Assim, o “Participante A1” é o participante “A”, do grupo focal 1, com o objetivo de manter o seu anonimato e localizar da melhor forma as suas falas, os sublinhados feitos nas transcrições tem como objetivo enfatizar determinada sentença ou expressão utilizada pelo participante.

Considerou-se alguns fundamentos teórico-metodológicos da análise de discurso para a interpretação dos dados transcritos. É importante ressaltar que não há homogeneidade numa formação discursiva, como bem explicita Courtine et Marandin (apud Brandão, 1993:40):

Uma formação discursiva é, portanto, heterogênea a ela própria: o fechamento de formação discursiva é fundamentalmente instável, ela não consiste em um limite traçado de forma definitiva, separando um exterior de um interior, mas se inscreve entre diversas formações discursivas como uma fronteira que se desloca em função dos embates da luta ideológica.

Significa dizer que o processo discursivo é construído pela relação de conflitos (ou não) travados na disputa de espaço das diferentes formações discursivas. Em consequência, o sujeito é definido pelo lugar de onde fala, pelo espaço de representação social que ocupa no desempenhar de seus vários papéis, revelando, portanto, a sua posição ideológica. Assim, o analista relaciona a linguagem à sua exterioridade, ou seja, considera o homem na sua história, os processos e as condições de produção da linguagem por meio da análise da relação da língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer.

Tais aspectos foram levados em consideração para a seleção dos trechos apresentados ao longo do trabalho, com o objetivo de ilustrar as categorias encontradas.

2.1.2 A REALIZAÇÃO DOS GRUPOS FOCALIS

1º Grupo 06/09/2018 (Participantes A1, B1 e C1)

O primeiro grupo foi realizado dia 06/09/2018, antes do primeiro turno, data que coincidiu com a facada do então candidato Jair Bolsonaro. O projeto inicial era realizar um grupo focal com 7 estudantes da UnB às 18:30 no Instituto de Ciência Política, contando com estudantes conhecidos de pessoas próximas a pesquisadora. Devido ao incidente com o candidato Jair Bolsonaro, que ocorreu por volta das 17 horas, 4 participantes desmarcaram com as seguintes alegações mais relevantes:

M5 — “Agora que teve esse lance da facada tá complicado de ir aí na UnB.”

M6 — “Não vou aí pra ser esfaqueado por comunista.”

Optou-se por realizar o grupo com apenas 3 entrevistados, contando com o auxílio da estudante de Psicologia Luísa Jobim para a sua realização.

Mesmo reafirmando que a identidade dos entrevistados seriam omitidas, muitos se recusaram a participar devido ao medo de terem seu nome “envolvido nessas coisas”.

2º Grupo 20/09/2018 (Participantes D2 e E2)

Para a seleção dos entrevistados do 2º grupo, solicitei a um colega de classe que me encaminhasse os contatos dos alunos que ele conhecia que iriam votar no candidato. O colega alegou que possuía um grupo no WhatsApp com cerca de 100 jovens eleitores do Bolsonaro no DF, quando solicitado, ele encaminhou o grupo do movimento reação da Universidade, que possui em torno de 30 membros.

Após convidar 7 pessoas do grupo, 5 cancelaram no dia anterior, o grupo acabou sendo realizado com o colega em questão e outra pessoa que fazia parte do grupo do WhatsApp mencionado anteriormente. O local de realização foi a sala de Atos do Instituto de Ciência Política.

Recrutamento no 2º Turno

Com a chegada do candidato ao 2º turno, no dia 7 de Outubro de 2018, acreditava-se que o processo de recrutamento seria mais fácil, mas devido as manifestações do #EleNão tanto online quanto nas ruas, no dia 29 de Setembro, acredita-se que a espiral do silêncio¹, hipótese inicial da pesquisa, manifestou-se claramente dada a alta rejeição pública aos que manifestavam apoio ao candidato.

3º grupo 16/10/2018 (Participantes F3 e G3)

O 3º grupo recebeu novo auxílio da estudante de Psicologia. Compareceram 2 dos 10 recrutados. A presença de um dos entrevistados (F) envolveu um grande diálogo prévio à realização do grupo, pois ele “estava com medo de ser visto sendo eleitor do Bolsonaro no IPOL” alegando que era infiltrado em “coisas da esquerda”. Antes de começar o grupo ele fez ambas as pesquisadoras cobrirem o vidro da porta da sala do grupo de pesquisa, para não ser visto. Mesmo assim, ficou extremamente nervoso em diversos momentos.

Os outros 4 convidados cancelaram devido a problemas como “trabalhos da faculdade” e porque haviam “se enrolado”.

4º grupo 21/10/2018 (Participantes H4, I4 e J4)

O 4º grupo contou com a ajuda de um estudante de Ensino Médio que solicitou o deslocamento da pesquisadora até o Cruzeiro, onde foi realizado um grupo com 3 estudantes do Ensino Médio. Esse grupo contou com um incentivo, no final foram ofertadas fatias de pizza para os que puderam participar.

5º grupo 30/11/2018 (Participantes K5 e L5)

O 5º grupo foi realizado na Biblioteca Nacional, em um ambiente com muito ruído para a gravação, que não foi transcrita em sua totalidade devido a sua má qualidade. As duas participantes convidadas atrasaram 1 hora devido a problemas com o transporte público.

¹ Detalhada no capítulo 4.1 deste trabalho

Grupos Focais?

Dado o número reduzido de participantes, pode-se questionar se a metodologia utilizada no final foi realmente a de grupos focais ou se o que ocorreram foram entrevistas coletivas, dado que a literatura trata grupos focais com uma variação entre 6 a 15 participantes (PIZZOL, 2004). Acredita-se que foi possível identificar interações relevantes atingindo-se, portanto, o critério de saturação, no qual os grupos não apresentam novidades em termos de conteúdo, tornando-se previsíveis e repetitivos, ou seja, acredita-se que a estrutura de significados tenha sido aprendida. (VEIGA; GONDIM, 2001). Desta forma, questionar se a metodologia foi ou não grupos focais não é tão relevante já que os resultados foram alcançados.

A realização de grupos focais é uma metodologia cara, e no contexto em questão, não dispus de tempo suficiente para estabelecer relações de confiança com mais jovens, dessa forma a amostra se tornou pequena.

Além dos gastos, utilizar essa metodologia em um contexto polarizado exigiu bastante cautela, com a forma de realização do recrutamento e com a elaboração das perguntas para que não fossem quebradas as relações de confiança.

3. AS NARRATIVAS DO PRIMEIRO VOTO

Não são os acontecimentos relatados que contam, mas a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los. (TODOROV, 1973, pg. 211)

Considerando que o primeiro voto da vida dos participantes desta pesquisa foi em 2018, eles estão inseridos na “Geração Z”. Essa geração é composta pelos nascidos após 1995, cidadãos que estão entrando no mercado de trabalho e que, de acordo com Cilliers (2017), são rápidos tomadores de decisão e altamente conectados.² Ainda de acordo com o mesmo autor, os estudantes dessa nova geração chegarão às salas de aula esperando um ambiente no qual eles possam interagir da mesma forma que interagem no mundo virtual. Isso implica em uma demanda por informações rápidas e formas visuais de aprendizado, e a substituição de “comunicação” por “interação”, algo também esperado no período eleitoral.

² CILLIERS, 2017.

Segundo o Estudo Eleitoral Brasileiro (Eseb)³, realizado em novembro de 2018, 24,2% dos eleitores de Jair Bolsonaro, no primeiro turno, tinham como principal meio de informação sobre política mídias sociais como Twitter, Facebook e WhatsApp, 10,1% a mais que o candidato da oposição Fernando Haddad. Desta forma, é necessária uma análise múltipla dessa geração que incorpora as interações reais e virtuais em suas narrativas.

Narrativas políticas são histórias convincentes para atingir um fim político, como ganhar uma eleição ou promover a aprovação de uma política pública específica, por exemplo. Da mesma forma que essas narrativas são usadas tendo como alvo o eleitor⁴, elas podem ser utilizadas pelo eleitor para influenciar o(a) candidato, levando em consideração o caráter seletivo que pressupõe o ato de contar uma história como similar ao ato de justificar oralmente, ou virtualmente, o voto.

Partindo de Paul Ricœur, em *Tempo e Narrativa* (1994, 1995, 1997), toda escrita histórica seria fruto do trabalho de uma “construção narrativa”, dando enfoque no relato como experiência histórica.

A forma de contar essa história é explicada pela literatura de comportamento político, segundo a qual fatores intra-indivíduos (emoções, estereótipos, personalidades) e fatores extra-indivíduo (partidos políticos, comunicações, campanhas políticas, fatores) condicionam as atitudes e comportamentos políticos das pessoas. Sendo assim, cada pessoa enxerga o mundo pela ótica de suas crenças e valores, fatores que moldam que tipo de história irão contar sobre ele.

Com base nesses fatores, entende-se que uma narrativa não existe de forma isolada, mas está em sinergia com outras e, dada a complexidade do ser humano, existem aspectos que são invisíveis aos olhos das pesquisadoras. Vale considerar que todas podem ser tornadas públicas em determinado espaço (virtual/real), dependendo do nível de confiança em cada ambiente. Neste trabalho, optou-se por chamá-las de narrativas expressas (ecológicas, emotivas e esquemáticas), classificação própria. Desta forma, quando elas não são manifestas em ambientes que o indivíduo não

³ O Eseb é uma pesquisa nacional realizada pelo Centro de Estudos de Opinião Pública (Cesop) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) desde 2002 e faz parte do consórcio “Comparative Study of Electoral Systems”, coordenado pela Universidade de Michigan, nos EUA. Foram entrevistados 2506 eleitores em todos os estados do Brasil e a pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

⁴ JONES & McBETH, 2010.

considera favoráveis, tornam-se narrativas não-expressas. Além de ambas tipologias, também proponho nesta pesquisa, as narrativas contínuas, que apresentarão a sobreposição das narrativas citadas anteriormente.

4.1. NARRATIVA NÃO-EXPRESSA

As opiniões públicas, partindo da definição operacional proposta por Nöelle-Neumann (1977, pp.181-189), são atitudes ou comportamentos que podem ser expressos sem que ocorra o risco de isolamento. Se o indivíduo crê que sua opinião forma parte de um consenso, ele a expressa com confiança em conversações no âmbito público e privado. Porém, se essa opinião destoa perceptivelmente, os agentes se afastam do convívio social com medo de rejeição e sanção, sendo esse processo denominado espiral do silêncio⁵. Ou seja, as narrativas não-expressas são potencialmente expressas caso haja um ambiente favorável para tal.

Essas narrativas invisibilizadas só puderam ser conhecidas nesta pesquisa graças à utilização de uma metodologia qualitativa, baseada em uma aproximação aos atores e em um ambiente favorável a essa exposição. Caso contrário, seriam dados que continuariam ocultos nas análises. Ao considerar os principais motivos para essa omissão pública do voto favorável a Bolsonaro, foram encontrados: o medo de rejeição, a estratégia e o arrependimento.

REJEIÇÃO: Medo de não ser aceito no grupo.

PARTICIPANTE F3: Eu não quero passar uma imagem de extremista para as pessoas, que eu odeio minorias e tudo mais, até porque eu sou negro né, eu não quero passar essa imagem para as pessoas, né. Então eu sinto um pouco de medo, de expressar as minhas opiniões assim, na maioria do tempo eu sou calado, e não expresso nada no caso, nada de opiniões, coisa assim, pra não gerar problemas e distorções.

PARTICIPANTE J4: Existe um grande receio entre votos (no que concerna discutir a escolha eleitoral de cada um) no meu colégio, alguns professores não aceitam sua opinião política, questionam muito sobre isso, então eu evito falar que voto nele.

⁵ Neumann, 1977

ESTRATÉGIA: Visa manter a coesão de grupo.

PARTICIPANTE G3: Eu me enquadro mais em uma omissão estratégica, vamos dizer assim, acho que é uma tentativa de ser equilibrado e tentar entender aonde eu estou, o que eu vou falar, pra quem eu vou falar. Então eu acho que essas perguntas precedem uma omissão estratégica, é isso... a motivação não é por medo, é você se responsabilizar, entende, e saber que uma palavra que você soltou ela não volta atrás. Se eu provocar alguma ação desestabilizadora no ambiente eu tenho que me responsabilizar por isso. No caso específico que a gente vive, a característica das coisas tomarem proporções que a gente não imagina é muito fácil, então eu me omito muitas das vezes, de forma estratégica e equilibrada. Não tão comovido pelo medo.

PESQUISADORA: Você diria mais para não gerar um transtorno, né?

PARTICIPANTE G3: Isso, mas é claro que... acho que todo bom eleitor do seu candidato, faz propaganda, né, então quando eu vejo uma brecha, quando vejo também um ambiente favorável do outro lado, eu não perco a oportunidade.

ARREPENDIMENTO: Vergonha de admitir o “erro” perante o grupo.

PARTICIPANTE K5: Olha agora eu tenho até evitado falar que votei nele porque eu me arrependo um pouco, sabe? Mas não tinha outra opção, sou meio sem jeito pra isso de política.

PESQUISADORA: Porque você se arrepende?

PARTICIPANTE K5: Recentemente teve essa questão dos Ministérios, né? Do meio ambiente e agricultura, eu acho, sei lá, errada essa mistura e não esperava isso. Mas não dava pra votar no PT, é complicado... Por isso só tinha como votar no Bolsonaro no final das contas.

No que concerne o comportamento presente na segunda fala do participante K5, votar no Bolsonaro foi um ato estratégico. Esse “voto útil⁶” e de certa forma

⁶ ANTUNES, P.38, 2008

“punitivo”, teve como único objetivo impedir a volta dos partido adversário. Ou seja, mesmo que o Participante K5 possuísse outros candidatos em sua lista de preferências, Jair Bolsonaro subiu na lista para que fosse evitado um 2º turno com o Partido dos Trabalhadores. Esse aspecto será retomado no seção 8.2 deste trabalho.

4.2 NARRATIVAS EXPRESSAS

Consideram-se narrativas expressas aquelas que foram tornadas públicas nos grupos focais e que podem potencialmente ser expressas em espaços públicos e privados (virtuais/reais) favoráveis a essa manifestação.

A psicologia social sociológica (STEPHAN e STEPHAN, 1985) visa estudar e analisar cientificamente a maneira como as pessoas pensam, influenciam e se relacionam umas com as outras, sendo que as influências sociais são fortes guias para o seu comportamento, uma vez que os seres humanos são animais sociais almejando se conectar e pertencer a grupos. Fatores como os aspectos culturais, atitudes, disposições pessoais e a realidade social levam os indivíduos a pensarem e a se comportarem de uma determinada maneira.

Foram encontradas 3 narrativas expressas ao longo dos grupos focais, abarcando diferentes comportamentos e aspectos da psicologia social. Essas narrativas serão abordadas tanto em sua forma individual como em sua forma contínua nos capítulos seguintes.

5. NARRATIVA ECOLÓGICA

As comunidades de outrora, me escolhiam em vez de serem escolhidas por mim, e eu às pertencia sem que me pedissem consentimento. (BAUMAN, 2016)

Analisar a juventude em um contexto de formação política é problemático, pois deve-se considerar que as suas respectivas preferências são fluidas e que a formação de seus universos simbólicos são distintas, sendo assim impossível tratar a juventude como uma massa política homogênea.

No contexto brasileiro, um jovem cuja formação inicial foi no Colégio Militar e um jovem que frequentou uma escola de ensino particular terão, por exemplo, ambientes de socialização distintos, tanto no sentido público quanto privado, que influenciarão nas suas preferências e até mesmo no tipo de informação que irão receber.

Partindo do conceito de relações ecológicas (BEGON, 2007, p. 223) como os efeitos que os organismos em uma comunidade têm um sobre o outro e, considerando que no mundo natural nenhum organismo existe em absoluto isolamento. As interações de um organismo com o seu ambiente são fundamentais para o funcionamento do ecossistema como um todo. A pesquisa propõe o conceito de **Narrativa Ecológica**, ponderando a análise da psicologia social e o papel da influência social normativa (Kelley, 1955) nesse processo.

Influência Social Normativa

Haja vista o microcosmos do primeiro grupo focal realizado, percebi que um dos participantes (A1) sabia muito acerca do tema, enquanto o outro (C1) apenas assentia, concordando ou repetindo o que o outro membro do grupo havia dito. Esse fato tem relação com a influência social normativa, conceito proposto por Kelley (1955) e Thomas (1928). De acordo com esses cientistas, muitas vezes as pessoas passam por situações nas quais enfrentam dúvidas acerca de como agir ou pensar. Assim, para lidar com essa circunstância, o comportamento das outras pessoas torna-se uma valiosa fonte de informação, ou seja, caso as pessoas se encontrem inseguras da resposta correta ou do comportamento apropriado, elas tendem a seguir o que os outros estão afirmando ou fazendo.⁷

Além de casos de ambiguidade, outros momentos em que a influência social normativa é utilizada são casos de crise e quando outras pessoas são especialistas. Quando se está em momento de crise, raramente tem-se tempo para pensar no curso de ação a seguir. No que concerne seguir as ideias de um especialista, a pessoa baseia-se na crença de que os especialistas são fontes seguras de informação, o que nem sempre é verdade. No caso do entrevistado que apenas confirmava o que já havia sido

⁷ Aronson et al., 2010

dito, ele foi influenciado pelo outro que aparentava ser bem informado, demonstrando domínio do assunto.

A expectativa de comportamento dos membros pertencentes a um mesmo grupo é um outro aspecto que desempenha um papel importante para a sua coesão, o que faz com que os integrantes se conformem com essas regras esperadas, mesmo que sejam implícitas. Assim, como todos os membros dos grupos focais eram eleitores de Jair Bolsonaro, eles convergem para uma argumentação positiva e favorável ao candidato. Os participantes tendem a se conformar com as normas sociais do grupo, as regras implícitas de comportamentos, valores e crenças aceitáveis, não gerando debates, apenas exposições das suas visões similares de mundo.

Houveram, porém, diferenças sutis na discussão sobre propostas do candidato, como posse de armas, por exemplo.

PARTICIPANTE A1 — Eu concordo bastante. Essa é uma área de interesse próprio. Eu fico tentando imaginar alguma pauta que eu discorde de maneira visceral dele... mas não acho.

PARTICIPANTE B1 – Eu tenho uma ressalva com porte de arma, não é algo que eu conheça tão profundamente, mas enfim...

PARTICIPANTE C1 – Aquele negócio dele ficar fazendo o símbolo (do revólver), eu não concordo muito.

Em um ambiente coeso, onde todos estavam para defender seu voto, as temáticas que geram discordância tornaram-se irrelevantes e os participantes construíram uma identidade coletiva a ser fortalecida.

Notou-se que um dos participantes (C1), geralmente o terceiro a falar, tendia a sempre repetir ou concordar com o que o participante anterior a ele havia dito (B1). Seja porque era uma situação ambígua, em que ele não sabia como se posicionar acerca de assuntos polêmicos, ou por conta da coesão do grupo. Podendo ser considerada a hipótese de que o grupo focal em si interferiu na resposta do participante.

Destacam-se a seguir 3 tipos de narrativas ecológicas, influenciadas pelos 3 agentes socializadores definidos por Savoia (1989), a escola, a família e os meios de comunicação em massa.

I. NARRATIVA ECOLÓGICA ESCOLAR

A educação é uma ação exercida por indivíduos sobre os outros que não estão preparados para enfrentar a vida sob alguns aspectos sociais. Dessa forma, Horton e Hurt (1995)⁸ destacam que a socialização acontece no interior de cada pessoa, com a internalização das normas dos grupos em que vive, de modo que surja um “eu” distinto, único para uma dada pessoa.

No caso da juventude, as escolhas das relações dentro dos grupos precedem as atitudes. Para uma parte deles, o “ser junto⁹” é mais importante do que o “fazer junto¹⁰”. Essa socialização é também uma fonte de prestígio e os amigos são um capital relacional que definem ou não a popularidade de um jovem, essa exposição das relações e sua validação pelos pares são uma condição de autenticação desse capital. Desta forma, o compartilhamento de emoções e a sua encenação são importantes para o seu universo. Expor uma certa sensibilidade ou virilidade faz parte da construção dessas emoções coletivas¹¹.

Considerando que as interações sociais são compostas na transmissão de informações verbais e não verbais, processadas automaticamente em paralelo, evidências sugerem que o indivíduo fica mais impressionado pelo implícito (não-verbal) do que com as informações explícitas que recebe¹².

Um exemplo desse comportamento não-verbal¹³ e a linguagem emocional corporal (EBL)¹⁴ é encontrado no “gesto de arma” utilizado por Bolsonaro e seus simpatizantes. Por expressar de forma caricata e descontraída um tema como a posse de armas e reduzir a pauta de segurança a um símbolo com as mãos, conquistou jovens (utilizando como exemplo os jovens entre 16-18 anos desta pesquisa) que veem nesse comportamento uma proximidade com as próprias brincadeiras de seus ambientes interacionais.

Quando os *surveys* de pré-seleção para os participantes foram distribuídos em salas de Ensino Médio, a reação dos alunos, em especial do sexo masculino, foi a de

⁸ 1995, apud VASCONCELOS, 2015, p. 9

⁹ être-ensemble

¹⁰ faire-ensemble

¹¹ GALLAND, p.230, 2017

¹² GALLAND, p.234, 2017

¹³ PROVERBIO et al 2014

¹⁴ Emotional Body Language – sigla original

preencher o formulário rindo, fazendo gestos de arma com as mãos e até mesmo imitando o modo de falar de Jair Bolsonaro. Lembrando que esse formulário foi distribuído semanas antes do 1º turno das eleições.

Por meio da teoria da familiaridade¹⁵ (Guégan, 2005; 2007) é possível explicar o efeito do mimetismo no julgamento e comportamento social. Para Guégan, a mímica está associada com maiores sentimentos de familiaridade com o imitador. Pesquisas em “comportamento de ajuda” mostram que quanto mais familiar o solicitador é ao indivíduo que ele está pedindo ajuda, maior a chance dessa ajuda ser efetivada. Nesses estudos, a similaridade foi manipulada de várias formas: congruência/não-congruência de raça, status, aparência, atitudes... Entre o solicitador e a pessoa solicitada. Um solicitador era mais ajudado quando possuía a mesma raça que o indivíduo, por exemplo¹⁶. O mesmo efeito foi obtido quando o pedido de ajuda era feito por telefone e quando a etnia era manipulada pelo sotaque do solicitador.¹⁷

Supõe-se que, no caso do eleitorado jovem de Jair Bolsonaro, o contato com o comportamento do candidato se deu através das mídias sociais e foram levados para dentro das salas de aula, onde eles poderiam comentar entre si e reproduzir esses mesmos gestos como uma forma de descontração.

É interessante pontuar que o ambiente escolar engloba narrativas expressas e não-expressas, considerando que alguns jovens possuem medo de manifestar a sua opinião política e outros a compartilham abertamente, como citado acima.

Destaca-se que, na narrativa ecológica escolar, outros aspectos podem ser abordados como o próprio sistema de educação em si, os conteúdos ministrados nas salas de aula, a abordagem dos professores e até mesmo os métodos avaliativos como passíveis de interferência nas narrativas políticas dos estudantes e sua posterior reprodução.

Para os jovens de ensino médio público que participaram dos grupos, as universidades, especialmente públicas, passam uma imagem degradada e de baixa infraestrutura em contrapartida a uma carreira estável no serviço militar, considerando que muitos jovens nem chegam considerar ensino superior devido ao seu difícil acesso.

¹⁵ <http://www.eyethink.org/resources/papers/Gueguen-et-al..pdf>

¹⁶ Bickman & Kamzam, 1973; Gaertner & Bickman, 1971; Wegner & Crano, 1975

¹⁷ Harris & Klingbeil, 1976

Antes de começar as perguntas no grupo 4, foi perguntado se eles estavam ansiosos para o Programa de Avaliação Seriada (PAS), que é um dos métodos de entrada para a Universidade de Brasília, como uma forma de pergunta “quebragelo”:

PARTICIPANTE H4: Eu não vou fazer isso de faculdade não, moço (risos). Isso é o seu ... como é que é? TCC? O que significa? Por isso que eu vou ser militar...

PARTICIPANTE I4: Po, queria fazer direito, mas depois que vi a nota que precisa tirar no PAS (risos). Nem fiz a minha inscrição no PAS 1. E ceub é caro, né?

Desta forma, a narrativa ecológica escolar compreende fatores diversos que interferem na construção narrativa, como a convivência com os colegas e a forma como o conteúdo é apresentado pelos professores. A discussão acerca do PAS possibilitou uma aproximação dos entrevistados.

II. NARRATIVA ECOLÓGICA FAMILIAR

Considerando como central a ideia de capital social¹⁸, definido como as “características de uma organização social tais como confiança, normas e sistemas, que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade”, merecem ser feitas algumas ponderações sobre o papel da confiança interpessoal.

Num esforço para teorizar sobre confiança, Putnam destaca dois componentes que são essenciais para sua definição. O primeiro é a reciprocidade. A confiança é essencialmente um conceito relacionado com a interação contínua entre atores. O segundo elemento da confiança é que ela pode criar dependência de trajeto. A confiança é construída durante um longo período de tempo e, uma vez estabelecida, tende a continuar, ainda que exija constante exercício.

Dessa forma, Putnam também trata do conceito de “familismo imoral”, aplicado por Banfield para caracterizar os padrões de comportamento do sul da Itália. A ideia básica que está por trás do “familismo imoral” é que os indivíduos agem

¹⁸ Putnam, 1993, p.177

orientados pelo desejo de obter o máximo de vantagens para sua família nuclear e pelo pressuposto de que os outros irão agir da mesma forma. O resultado geral é uma situação em que as pessoas só interagem na esfera privada, abandonando a esfera pública.

Diferentemente do caso italiano, é possível apresentar a hipótese de que, no caso brasileiro, as famílias foram incentivadas pelas campanhas de Jair Bolsonaro que enfatizavam o papel da família, dessa forma as interações da vida privada e seus respectivos debates, eram levadas para a esfera pública. Essa articulação entre esfera privada e pública foi vista no período eleitoral. Por exemplo, a associação entre Bolsonaro e os símbolos da pátria levaram eleitores do candidato a pintarem os filhos com as cores da bandeira para irem às urnas juntos. Essa socialização primária, associada à confiança desenvolvida na esfera privada familiar, serviu de referencial para as suas opiniões públicas. Esses referenciais apareceram em vários momentos dos grupos focais:

PARTICIPANTE L5: Minha mãe disse que quando foi no impeachment do Collor ela protestou, foi de cara pintada, ela gosta muito dessas coisas políticas.

PARTICIPANTE B1 (Sobre o “Kit Gay): Eu acho que isso não é dever do Estado, é dever da família, eu acho que isso deve ser tratado em âmbito familiar, sexualidade não pertence ao Estado. Sexualidade pertence ao indivíduo, e a primeira célula dele é a família. É a célula formadora dele. Então eu acho, e nisso eu concordo muito, eu acho que o estado não deve gerir a sexualidade das pessoas desde a infância, isso cabe à família.

PESQUISADORA: Você diria que ele tem alguns posicionamentos que chocam a população?

PARTICIPANTE D2: Sim, às vezes, é igual eu converso com meu pai, às vezes meu pai fala que ele fala demais assim, ele tem que se conter em algumas coisas porque querendo ou não todo mundo vai tá olhando para ele, vai estar analisando o que ele tá falando e pode usar isso contra ele e realmente ele fala umas coisas assim que o pessoal usa direto contra ele, que nem a questão do, daquela parte que ele falou sobre

a mulher ganhar menos, ele não falou isso, foi... ele explicou quem que fazia com que as mulheres ganhem menos trabalhando na mesma ocupação assim do trabalho, o homem tá fazendo a mesma coisa que a mulher e ela acabar ganhando menos, ele explicou, não saiu essas palavras diretamente da boca dele e é... tipo, ele tem, ele fala assim, ele é bem sincero, isso eu realmente concordo mas tudo tem tipo um porquê por trás do que ele fala e se você for pesquisar, realmente analisar, realmente tá certo.

PARTICIPANTE E2: (...) Eu já conheci o Eduardo Bolsonaro, o filho dele, pessoalmente, super gente boa, eu não senti qualquer tipo de discriminação dele (...) Se ele fosse racista de verdade, e se ele foi assim porque eu iria acreditar que o pai dele não seria? As pessoas racistas criam as próximas gerações com os ideais dele, então se o pai dele fosse racista o mínimo que poderíamos esperar é que o filho também seria racista, muito pelo contrário, ele me tratou super bem (o entrevistado era negro) com muito respeito, então eu não tenho dúvida nenhuma que ele não é nem um pouco racista, foi tudo... não foi nem intriga, intriga é quando você pega algo e extrapola, literalmente mentira mesmo, é o famigerado Fake News.

III. NARRATIVA ECOLÓGICA VIRTUAL

Retomando os dados do Estudo Eleitoral Brasileiro (Eseb), realizado em novembro de 2018, 24,2% dos eleitores de Jair Bolsonaro, no primeiro turno, tinham como principal meio de informação sobre política redes sociais como Twitter, Facebook e WhatsApp. Levando esses dados em consideração, não se pode deixar de lado a sua influência na construção do voto.

Uma rede virtual pode potencializar as redes presenciais e ampliar as formas de comunicações entre os cidadãos, já que são espaços de fluxos dentro da nova ordem tecnológica. Em outras palavras, as interações em salas de aula ou dentro de núcleos familiares podem ter continuidade mesmo com a ausência física dos seus membros. E sua complexidade reside em fatores como a possibilidade de anonimato dos usuários, possibilitando o surgimento de comentários intolerantes e rápida disseminação de dados, que podem comprometer a seleção de informações verídicas.

No contexto da Web 2.0, nome usado para descrever a segunda geração da World Wide Web, as páginas HTML adquirem uma experiência mais interativa e

dinâmica, focando, por exemplo, no compartilhamento e colaboração nas mídias sociais, comunidades e blogs. Como argumenta Parsell (2008), a partir do conceito de polarização de atitudes:

1. As pessoas buscam outras com os mesmos pré-conceitos que elas;
2. A Web 2.0 proporciona os recursos necessários para construir comunidades com quem elas quiserem;
3. Portanto, a Web 2.0 pode levar a um aumento de preconceitos, clivagens sociais e divisões comunitárias.

Com isso, surgem as bolhas virtuais lastreadas no estreitamento das fontes de informação dos usuários online “empurrando-os em direção a uma zona de conforto psicológica de autoconfirmação”. Esse viés de confirmação¹⁹, cuja essência é a interpretação das evidências de maneiras que concordem em parte com crenças preexistentes, expectativas ou hipóteses em mãos, leva à formação das chamadas “*echo chambers*”²⁰ que reproduzem o mesmo conteúdo caso não haja o engajamento intencional com visões divergentes. Não se pode descartar os aspectos positivos na criação de bolhas, como a capacidade de pessoas LGBT encontrarem suas comunidades e terem confiança e segurança para interagir entre si.

Engajar-se intencionalmente com eleitores da oposição em período eleitoral, considerando especialmente as eleições de 2018, era problemático, pois, como apontam diversos estudos²¹ e os grupos focais realizados nesta pesquisa confirmam, os indivíduos tendem a ter um excesso de confiança sem fundamento acerca de seus conhecimentos e crenças e, considerando a dificuldade de estabelecer diálogo nesses espaços virtuais, múltiplos usuários optaram por excluir uns aos outros de seus círculos para evitar os “desgastes” do debate político.

No caso de dois participantes, ressalta-se que a expressão de suas narrativas políticas ocasionou em sua expulsão de comunidades virtuais, ou seja, não foram isolamentos intencionais e, sim, efeitos colaterais de seus posicionamentos. Conseqüentemente, esse tornou-se mais um ambiente marcado por emoções a serem discutidas no capítulo seguinte.

PARTICIPANTE E2 (Sobre a facada em Jair Bolsonaro): (...) Imagina se tivesse

¹⁹ Nickerson, 1998, p.175

²⁰ Câmaras de eco. (Parisier, 2011; Rader and Grey, 2015, tradução própria)

²¹ Nickerson, 1998; Perkins et al., 1983

sido um cara que seguisse o Bolsonaro no Face fosse lá e esfaqueasse a Marina Silva ou Manuela D'Ávila, tipo, já iam falar “nossa, militante da extrema direita esfaqueia mulher preta e pobre” se fosse a Marina Silva, como ser preto ou mulher fosse diferenciar pessoas que são humanas, né, então é isso, hipocrisia até do pessoal do meu grupo. depois de me expulsarem autoritariamente, eu consigo ainda tenho umas fontes lá dentro que consigo...

PESQUISADORA: Do seu grupo? Que grupo?

PARTICIPANTE E2: Da turma...

PESQUISADORA: Que turma?

PARTICIPANTE E2: Do semestre...

PESQUISADORA: Ah, tá, do seu semestre, entendi.

PARTICIPANTE E2: Falando, inclusive, quando chegou a notícia e o cara falou “nossa, coitadinho, que pena” falando daquele jeitinho sarcástico, eu tenho *print* de tudo aqui no celular, então é aquele povo que fala “ai, que Bolsonaro, é autoritário, que defende isso, defende aquilo” agora ele tá em campanha exercendo seu direito democrático porque querendo ou não se ele quisesse ser um ditador ou, tipo, instaurar um governo, ele não seria candidato a presidente, ele estaria armando um golpe, ele iria mobilizar o exército para tomar o poder a força, pô, ele tem não sei quantos generais ali da base dele, se ele quisesse tomar o poder a força eu tenho certeza que ele ia ter pelo menos algum sucesso nisso.

PARTICIPANTE E2: (...) Assim, eu converso de boa com as pessoas, só que é mais tipo zoeira e tal do que informação, informação mesmo, realmente, eu pego, é ... eu usava muito o Twitter, mas me censuraram também, bloquearam minha conta, óbvio...

PARTICIPANTE L5: Olha, tipo a minha prima que me expulsou do grupo da família, né? Meu amigo me adicionou em um do Telegram e eu não conheço ninguém ali... não estou... pelo menos não estou sendo expulsa.

Desta forma, a narrativa ecológica e suas categorias, abordam o mundo social

dos indivíduos e como eles encontram fatores como a confiança e o conforto para expressarem as suas opiniões, algo que entra em choque com as narrativas não expressas onde esse ambiente favorável não está presente.

6. NARRATIVA EMOTIVA

PARTICIPANTE H4 (Falando sobre memes): Eu acho que a forma de votar tem que ter uma descontração, ao mesmo tempo um debate maior e como a gente tá na parte da adolescência, a gente já tem que ter uma opinião política sobre isso e eu acho que é muito grande o sentimento envolvido na política, né, porque é o futuro do país.

Indignação, frustração, ódio, raiva, nojo, medo, insegurança, impaciência, tristeza, preocupação e esperança. Todas essas emoções foram localizadas ao longo das narrativas dos participantes. O que as diferenciam dos afetos e por que são relevantes?

As emoções são expressivas e presentes (tremor, sudorese, lágrimas...), dirigidas a algo ou alguém e de curta duração. No caso em questão, puderam ser analisadas as emoções presentes ao longo da realização dos grupos focais.

São elas que dão forma aos afetos²² e é partir deles que atribuímos significados, portanto, não se pode atribuir o ódio à política como algo irracional considerando que eles – os afetos – são uma união conflituosa entre a experiência vivida e a experiência que se está vivendo. Uma experiência que é tanto cognitiva como emocional e se alia a outras funções somatopsíquicas²³ associando esquemas corporais com a memória, imaginação ou atenção, por exemplo.²⁴

No caso do participante F3, sua experiência negativa com a segurança pública construiu seu afeto de indignação manifesto ao longo de seu discurso com entonações de raiva acerca do descuido com a pauta de segurança e contando com Jair Bolsonaro como uma esperança para que essa situação mudasse e fosse levada “mais a sério”. De cruzar os braços, tremer as pernas, a pedir para que a janela fosse coberta com um cartaz, comprovou-se que a política não se expressa sem emoções. Com isso em mente, construir uma política que equalize a sociedade por afetos negativos se

²² Vygotski, p.185

²³ Somatopsíquico é um sinônimo geral de psicossomático, termo da medicina que designa as influências do psíquico na parte física do organismo.

²⁴ Vygotski, p.181

torna uma estratégia bem sucedida, pois trabalha-se com o subconsciente coletivo e não existe afeto mais forte que dar um sinal de esperança, propondo que é possível “mudar tudo isso que tá aí”²⁵.

“Nada aproxima mais as pessoas (mesmo que seja muitas vezes uma aproximação falsa) do que um entendimento triste, melancólico; essa atmosfera de entendimento pacífico, que adormece todos os temores e freios e que envolve tanto as almas sutis quanto as vulgares, representa a maneira de aproximação mais fácil.” (KUNDERA, 1967)

PARTICIPANTE F3: Conheci o Jair Bolsonaro graças a um professor de história, foi em 2014, já estava começando a me interessar por política, e aí na aula de história o professor começou a mostrar um vídeo dele, né, falando que a única coisa que prestava no Maranhão era o presídio de Pedrinhas. Ele mostrou esse vídeo e começou a falar mal e aí, tipo, eu não tava entendendo por quê que ele estava falando mal do presídio de Pedrinhas porque... eu tava um pouco revoltado, né, eu já tinha sido assaltado, e aí... o Bolsonaro falava daquela forma meio extrema, né, e aí eu comecei a admirar assim ele, né, por causa disso. Por causa da firmeza dele em relação as questões da segurança pública. Mas foi aí mesmo, em 2014, eu acho em junho, mais ou menos assim, junho, julho, alguma coisa assim. Não me lembro o mês exato.

(...)

PESQUISADORA: Você falou muito que algo que te influenciou foi essa questão de você ter sido assaltado e também de você não gostar desse quadro que a gente vive de violência, então eu queria saber um pouco como que isso impacta na sua vida pessoal, tipo a sua visão com relação a violência como ela está hoje.

PARTICIPANTE F3: Eu acho que a violência é o ponto chave. E eu acho que 80% do meu voto nele é por conta disso. E assim, não dá pra você morar em um país onde existem 62 mil assassinatos, latrocínios e 50 mil estupros. Então assim, eu acho que o governo, que o Estado, está pegando leve demais, em relação a isso, acho que o

²⁵ Uma das frases associadas a campanha de Jair Bolsonaro e dita por ele em diversas entrevistas.

Estado deve ter uma mão mais forte em relação a isso, eu acho que a bandidagem perdeu totalmente o senso de proporção mesmo, não tem mais medo de invadir a casa, né. Eu passei por uma situação bastante trágica, principalmente quando eu vim para Brasília, quando eu era pequeno... então assim foram várias questões que também fazem com que a minha preocupação seja com a segurança, né. Eu morava em uma casa lá no *LOCAL X* e tipo meu padrasto tinha viajado e aí minha mãe ficou sozinha, tentaram invadir a casa, a sorte dela é que: minha mãe tinha um revólver e ela conseguiu se defender, isso foi em 2003, eu era pequeno, né. Mas hoje em dia minha mãe não ia conseguir fazer isso porque ela não tem mais o revólver dentro de casa. Para se defender, no caso... Então essa questão do desarmamento facilitou totalmente pros bandidos, eles não tem medo mais, eles entram, cometem assalto, estupro, eles não estão nem aí mais, porque a polícia pega muitas vezes, a polícia não vai pegar o cara... eu estava vendo uma pesquisa aí e parece que somente 8% dos crimes realizados no nosso país são resolvidos, então o cara vai para a cadeia, talvez ele não fique o tempo que o juiz determinou que ele fique lá, muitas vezes dependendo do crime ele nem fica preso... então assim, é complicado, né, então eu acho que é por isso mesmo que vou votar nele.

PARTICIPANTE E2 (Sobre a facada em Jair Bolsonaro): Eu acho que beneficiou porque muita gente que tava indeciso em relação a votar nele ou não, viu essa situação e ficou super indignada.

PARTICIPANTE K5: É triste a situação do Brasil, mas precisamos dessa mudança.

Caracterizar uma narrativa como emotiva não a taxa como inválida apenas aponta como os afetos tiveram centralidade relevante em suas falas (MARCUS, 2000). As emoções são, portanto, esse conjunto de reações corporais e automáticas presentes em todos os seres vivos, face a determinados estímulos provenientes do meio onde estamos inseridos. Já os sentimentos são interpretações subjetiva dessas emoções e de suas causas²⁶, algo que diferencia os seres humanos dos outros animais, pois “somos seres com consciências que pensam e sentem.”²⁷

As emoções também guiam diferentes maneiras de aprendizagem em um

²⁶ Damasio, 1999

²⁷ Vygotski, p.183

contexto político polarizado. Medo ou ansiedade, concentram a atenção em ameaças que produzem incerteza (por exemplo, Eysenck, 1992; LeDoux, 1996), facilitando um comportamento que busca informações para que possam ser feitas avaliações pessoais, de modo a reduzir essa incerteza (Marcus & MacKuen, 1993; Marcus et al., 2000). Em contraste, Valentino, Hutchings, Banks e Davis (2008) mostram que uma emoção como a raiva pode deprimir a aprendizagem. Eles postulam que a raiva resulta da certeza de que um objeto viola valores ou normas, e essa certeza direciona os esforços para a ação em vez do aprendizado.

Outro fator que impacta a busca de aprendizado é a sofisticação política do cidadão, ou seja, o entendimento que o cidadão tem a respeito dos objetos e dos fatos do mundo da política, relacionando-se diretamente com a quantidade de informação adquirida pelo indivíduo.

Partindo das discussões de Pereira (2013), quatro hipóteses sobre o tema são empiricamente testadas, em primeiro lugar, a sofisticação política aumenta a estruturação ideológica das opiniões dos cidadãos, no sentido de que opiniões sobre diferentes assuntos tendem a se basear em um mesmo eixo ideológico. Segundo, a sofisticação faz com que as opiniões sejam mais estáveis ao longo do tempo, o que resulta do fato de que as opiniões dos mais sofisticados são baseadas em considerações mais sólidas e consistentes. Terceiro, e diretamente conectada à hipótese anterior, a sofisticação política facilita o aprendizado de novas informações, sendo os cidadãos mais sofisticados também os que mais adquirem informações novas ao longo do tempo, especialmente nas campanhas. Por fim, os mais sofisticados são também os que com maior frequência expressam opiniões quando perguntados, uma vez que tendem a possuir opiniões formadas.

Obviamente, as duas últimas hipóteses não implicam que os cidadãos mais sofisticados nunca mudem de opinião, mas sim que é preciso informações novas e mais salientes para que isso ocorra.

Partindo dos estudos de Miller (2011), essa sofisticação do eleitor pode também corresponder se ele será mais ou menos influenciado pelas emoções. O eleitor será mais emotivo e capaz de conectar suas emoções com ações que expressem esses sentimentos quanto maior for a sua sofisticação, considerando o seu interesse

mais elevado em assuntos políticos.

“Emoções motivam certas ações, mas essa motivação pode ser amplificada quando o indivíduo emotivo é naturalmente mais engajado com a situação” (MILLER, 2011)

Considerando os participantes de ensino superior desta pesquisa, sua sofisticação foi expressa ao longo de suas narrativas aliada a características emotivas, algo que não foi encontrado nos estudantes secundaristas, pois eles apresentavam dificuldade em se posicionar ideologicamente e desenvolver uma argumentação que justificasse suas escolhas, a falta de sofisticação pode estar correlacionada a falta de educação política nas escolas ou o próprio desinteresse do participante, não é possível mencionar qual o fator principal.

7. NARRATIVA ESQUEMÁTICA

“Os assuntos mais difíceis podem ser explicados ao homem mais lento se ele não tiver formado nenhuma ideia sobre eles; mas a coisa mais simples não pode ser esclarecida ao homem mais inteligente se ele estiver firmemente persuadido de que já sabe, sem sombra de dúvidas, o que lhe é apresentado.”
(Tolstói, 1894)²⁸

É comum que pessoas de determinadas áreas e culturas compartilhem um ponto de vista em comum, e suas pressuposições geralmente não sejam questionadas (Myers, 2014). Isso ocorre por causa das chamadas representações sociais, as quais são as convicções mais importantes para uma pessoa, e portanto as menos questionadas. Isto é, muitas vezes uma pessoa pode afirmar algo como se fosse um fato, visto que muitos concordam com ela, quando, na verdade, é um juízo de valor.

Além disso, as representações sociais regem a relação das pessoas com o mundo e com os outros, além de orientarem e organizarem as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e assimilação de conhecimentos. Com base nessas ideias, as concepções e formulações de ideias acerca dos candidatos à presidência são impactadas pelas representações sociais que cada pessoa possui acerca do meio que a circunda, juntamente com suas ideias pessoais e aspectos culturais²⁹.

²⁸ Tradução própria

²⁹ Myers, D., 2014

A Psicologia Social também propõe o termo *cognição social*³⁰, que representa a maneira como as pessoas pensam acerca de si mesmas e do mundo social, ou seja, a forma como cada indivíduo interpreta, seleciona e utiliza as informações para formar juízos e tomar decisões. Dentro desse quadro, cada pessoa cria **esquemas mentais**³¹ – estruturas utilizadas para se organizar o conhecimento em torno de temas ou tópicos – formados sobre muitos aspectos, seja sobre outras pessoas, si mesmo ou papéis sociais. Todos os esquemas contêm as impressões pessoais sobre um assunto e conhecimentos básicos.

Ainda de acordo com a literatura de psicologia política, esses esquemas mentais cumprem funções importantes, porque tornam os seres humanos capazes de relacionar novas experiências com situações passadas, reduzindo assim a ambiguidade, pois quando o indivíduo se depara com informações que podem ser interpretadas de vários modos, os esquemas fornecem uma maneira de reduzir tal dúvida. Quando um eleitor lida com o desafio de escolher o presidente, ele recorre a seus esquemas mentais, ou seja, às ideias que já estão formadas acerca do capitalismo, socialismo, corrupção ou determinado partido político, o que acaba por filtrar as informações reais³².

É importante ressaltar que as visões pré-conceituadas, formadas por esquemas mentais, podem levar partidários de alguma causa a pensarem que a maioria das outras pessoas interpreta de modo incorreto a realidade³³. Isso pode ocorrer, por exemplo, tanto com eleitores do Bolsonaro, como com os eleitores do Haddad.

Um dos participantes do grupo 3 afirmou que a sua escolha de votar em Bolsonaro não se deve apenas a uma questão política, “mas de mentalidade de vida”. Ele ainda afirma: “temos uma propensão natural a preservar o que acreditamos, não aceitar rupturas tão grandes na vida³⁴”.

Essa fala explicita como esquemas mentais guiam as escolhas das pessoas, pois ele afirma que escolheu determinado candidato político em decorrência de ele se alinhar mais com o que acredita, com o esquema mental que formulou do que seria melhor. Assim, mesmo que outra pessoa apresente fatos ou situações que apontem características desse candidato que são incongruentes com o esquema mental desse

³⁰ Barlett, 1932; Markus, 1977; Taylor & Crocker, 1981

³¹ Grifo próprio

³² Aronson et al., 2010

³³ Aronson et al., 2010

³⁴ grifo próprio

participante, ele tenderá a ignorá-las ou acreditar que é apenas um ponto dentre diversas outras características congruentes com o que ele pensa.

Nas condições de uma pesquisa qualitativa, identificar os esquemas mentais de um entrevistado só é possível caso ele os manifeste ao longo de suas falas. E, claro, perguntas sensíveis são sempre problemáticas. O indivíduo, portanto, pode negar que é racista, porém suas falas e atitudes se direcionam de forma oposta. Ou seja, por mais que seja questionado: Você se considera racista? A resposta será sempre negativa, ainda mais considerando que é um posicionamento passível de processo jurídico. São opiniões que normalmente se expressam em ambientes privados, onde outros compartilhem desses posicionamentos, ou em um ambiente virtual, onde o anonimato facilita sua expressão.

Pontuando as diferenças entre pressuposto e subentendido: o pressuposto é uma afirmação indiscutível (apresentada como tal); o subentendido é de responsabilidade do ouvinte. Ao analisar a fala de um dos participantes, é interessante compreender que ele considera piada e não racismo as falas de Jair Bolsonaro. Nas comunidades de direita, essa crítica ao “politicamente correto”, conhecido como PC, impede a construção de uma análise crítica sobre esses posicionamentos, pois a sua discussão é considerada como exagerada. Subentende-se que seus esquemas mentais davam validade aos posicionamentos e atitudes do candidato por corresponderem com os seus próprios.

PARTICIPANTE E2: Olha, se ele já fala uma piada as pessoas já levam a sério, sabendo que foi uma piada, exageram... imagina, quando... é você pegar um texto e moldar pra parecer que é ruim, como ele falou “olha tem um povo aí que realmente não faz nada” só porque ele falou que tem quilombola inútil, não significa que todo negro é inútil, da mesma forma que, tenho vontade de perguntar pra algumas pessoas “se ele falou isso do quilombola significa que todos os negros são inúteis?” Porque o Bolsonaro tem 63 anos, ele é idoso, se você é eleitor do Bolsonaro você é eleitor de gente branca, eleitor do idoso, não é? Porque ele não gostar de pessoas que são ociosas e quilombo, faz ele de alguma maneira racista? Não é só porque ele não gosta do Jean Willys, que ele não gosta de gay. Toda hora tá ele falando ... O Ney Matogrosso também já deu uma entrevista falando bem dele, não sei o que leva uma pessoa a generalizar algum tipo de discordância, com a pessoa com discurso de ódio,

“não, ele não gosta da Maria do Rosário então ele é misógino”, “ele não gosta do Jean Willys, é homofóbico”, fala de um grupo seleta, que já é seleta, que é das pessoas ociosas, de um grupo que já é seleta, que são os quilombolas, e falou que eles são inúteis.

PARTICIPANTE A1: Eu acredito que o voto no Bolsonaro é muito atrelado a valores, se o Bolsonaro trair esse valores eu acredito que ele perde a base eleitoral dele. Se o Bolsonaro surgir amanhã a favor do aborto o eleitorado dele vai chiar, entendeu? Diferente da esquerda que continuou quando o Lula fez algo absurdamente o contrário da base eleitoral dele, acredito que existem valores no Bolsonaro que ele traíndo, o voto sai dele, no caso para mim é assim.

No que tange o posicionamento político, todos os participantes universitários se posicionaram como conservadores, exceto 1:

PARTICIPANTE F3: Eu não tenho a base teórica suficiente para me considerar um conservador, eu vejo o conservadorismo com uma carga de estudos bastante densa e pesada, e eu não tenho essa carga densa e pesada para me considerar um conservador. Eu me coloco como um centro-direita, no caso que às vezes pega princípios liberais da economia e princípios conservadores, mas não inteiramente...

O outro participante do grupo tenta contra-argumentar o posicionamento do participante F3, fazendo uma comparação com o eleitorado de Jair Bolsonaro como um todo:

PARTICIPANTE G3: Eu acredito que essa questão do eleitorado do Bolsonaro, pelo menos com essas pessoas que a gente tem mais contato, eu acredito que não é apenas uma questão eleitoral, e política, é uma questão de mentalidade de vida, então eu acredito que grande parte que votou nele tem essa mentalidade de vida conservadora, e o F3 até tocou em um assunto, que é a questão da base teórica, tem um texto que eu não lembro o nome do autor, mas é “Ser conservador”. O autor fala justamente essa problemática de se preocupar com a base teórica, mas ele mostra com exemplos práticos da vida como a gente tem uma propensão natural a ser conservador na vida. De preservar os interesses de família, os interesses das pessoas que nos antecederam,

dos amigos... E que a gente tem uma propensão a não aceitar rupturas tão drásticas na vida, né. Então eu acho que é isso, que a minha resposta seria essa sobre o eleitorado do Bolsonaro. Uma questão de mentalidade e pra você mudar a mentalidade, é uma coisa muito difícil, é um processo construtivo muito intenso e longo, então a menos de 20 dias das eleições acho muito difícil isso acontecer.

Os participantes secundaristas e os não estudantes disseram que ainda não sabiam se posicionar, e aqui vale apresentar uma das falas do participante XX e seu entendimento sobre o que é a esquerda:

PARTICIPANTE J4: Muitos eleitores apoiam a direita por ser militares e sei lá... o poder, entendeu? E a esquerda eles apoiam as pessoas pobres, eu acho, as caridades... E isso é um ponto muito forte na política porque as pessoas de menos conhecimento são prejudicadas, entendeu, por você não conhecer muito bem e aqueles, vamos dizer, que conhecem da esquerda te compram com remédios e essas coisas, prejudicando o país.

Considerando as discussões teóricas sobre esquemas mentais, durante os grupos focais foi feita a apresentação de um meme de propaganda de Jair Bolsonaro (ver imagem 2). Este foi o diálogo estabelecido, confirmando que os esquemas mentais de cada um exerceram influência no voto:



Imagem 2: Meme “O que une o Brasil”

PARTICIPANTE C1: Isso aí eu acho que é pra influenciar a votar nele baseado nas coisas que ele defende que a maioria da população defende, que são os valores

cristãos, esse tipo de coisa, fala da revolta com os partidos de esquerda, que vem comandando o país, corrupção, invasão esse tipo de coisa.

PARTICIPANTE A1: Achei mais propagandístico que humorístico, seria só uma definição de valores e ideologias dos dois lados, a família é um bem a ser defendido pela direita e o aborto é visto como algo abominável, assim como as drogas, são vistas como abominável pela direita, isso é mais uma, não sei, não vejo bem como meme.

PARTICIPANTE B1: Eu acho que existem coisas mais próximas e coisas mais distantes, tipo a democracia, normalmente, eu apelo para as pessoas comuns e tal, é uma coisa muito abstrata se perguntar ela não vai saber o que é. Não vai saber, embora, intua o que é uma democracia, às vezes saber fazer um conceito mais bonito, é claro que todo mundo vai entender, qualquer extrato social respeita, qualquer extrato social vai entender, ordem do mesmo jeito. A Lava-Jato elas intuem também, já percebi isso, claro, a gente tem que combater a corrupção - que é o certo a fazer. Mas enfim, justiça, honestidade... acho que esses são valores importantes. Eu tenho medo de quando se fala em defender família, pátria, Deus, a gente pareça muito puritano, uma coisa meio... (risos), aquele movimento dos anos 70: “por Deus, e tal, pela terra”. Eu acho que se isso reaparece novamente, é que tá ameaçado, você não vai montar guarda para algo que tá totalmente seguro...

PARTICIPANTE A1: Pra um inimigo fantasma...

PARTICIPANTE B1: Exatamente isso.

PARTICIPANTE A1: A pessoa tem que se sentir ameaçada, tem aquela questão do material pornográfico para as crianças, eles se sentem ameaçados por aquilo, entende? Não é o deputado que apareceu na TV e mostrou, eles já tiveram alguma experiência sensorial com aquilo, algum tipo de estímulo ou prejuízo, não é algo que vem de graça, não é um fenômeno que surgiu ali.

PARTICIPANTE B1: Se isso volta a discursão de que é preciso preservar, é porque alguma ameaça é sentida, alguma coisa mudou. As pessoas sentem que precisam retornar, retomar tudo isso, acho que eu concordo, né? Não quero parecer puritano,

nem nada do tipo, “ai, meu Deus, nacionalista”, “por Deus, pela pátria”, aquele momento todo. Mas eu acho que no geral, de forma bem geral, é mais ou menos isso, reconhecer a família como a célula da sociedade, muito importante as relações familiares, respeito, a ordem... a gente pode discutir que tipo de ordem é essa. Obviamente a gente não quer a restauração de um regime militar, mas a gente quer ter pelo menos a certeza de estabilidade de uma instituição, de um Estado, né? De um país estável, apoiando a Lava-Jato, obviamente, combater a corrupção... e a democracia, justiça, honestidade... Honestidade, eu acho mais difícil, que culturalmente o brasileiro é malandro, eu acho (risos), enfim...

8. O PROCESSO NARRATIVO CONTÍNUO

A ênfase maior dada ao indivíduo ou à sociedade fez com que diferentes autores (House, 1977; Stephan & Stephan, 1985) começassem a defender a existência de duas correntes de Psicologia Social: a Psicologia Social Psicológica e a Psicologia Social Sociológica. A Psicologia Social Psicológica, segundo a definição de G. Allport (1954), que se tornou clássica, procura explicar os sentimentos, pensamentos e comportamentos do indivíduo na presença real ou imaginada de outras pessoas. Já a Psicologia Social Sociológica, segundo Stephan e Stephan (1985), tem como foco o estudo da experiência social que o indivíduo adquire a partir de sua participação nos diferentes grupos sociais com os quais convive. Em outras palavras, os psicólogos sociais da primeira vertente tendem a enfatizar principalmente os processos interindividuais responsáveis pelo modo pelo qual os indivíduos respondem aos estímulos sociais, enquanto os últimos tendem a privilegiar os fenômenos que emergem dos diferentes grupos e sociedades.

O meio interpõe-se como pivô das mediações entre o indivíduo e a sociedade, desta forma, a subjetivação política é um processo em que os sujeitos se dispõem a serem afetados por situações, nem sempre previsíveis, da convivência, dele esperando um sentido para as suas experiências e uma forma de as poderem comunicar aos outros³⁵, manifestando através de suas narrativas.

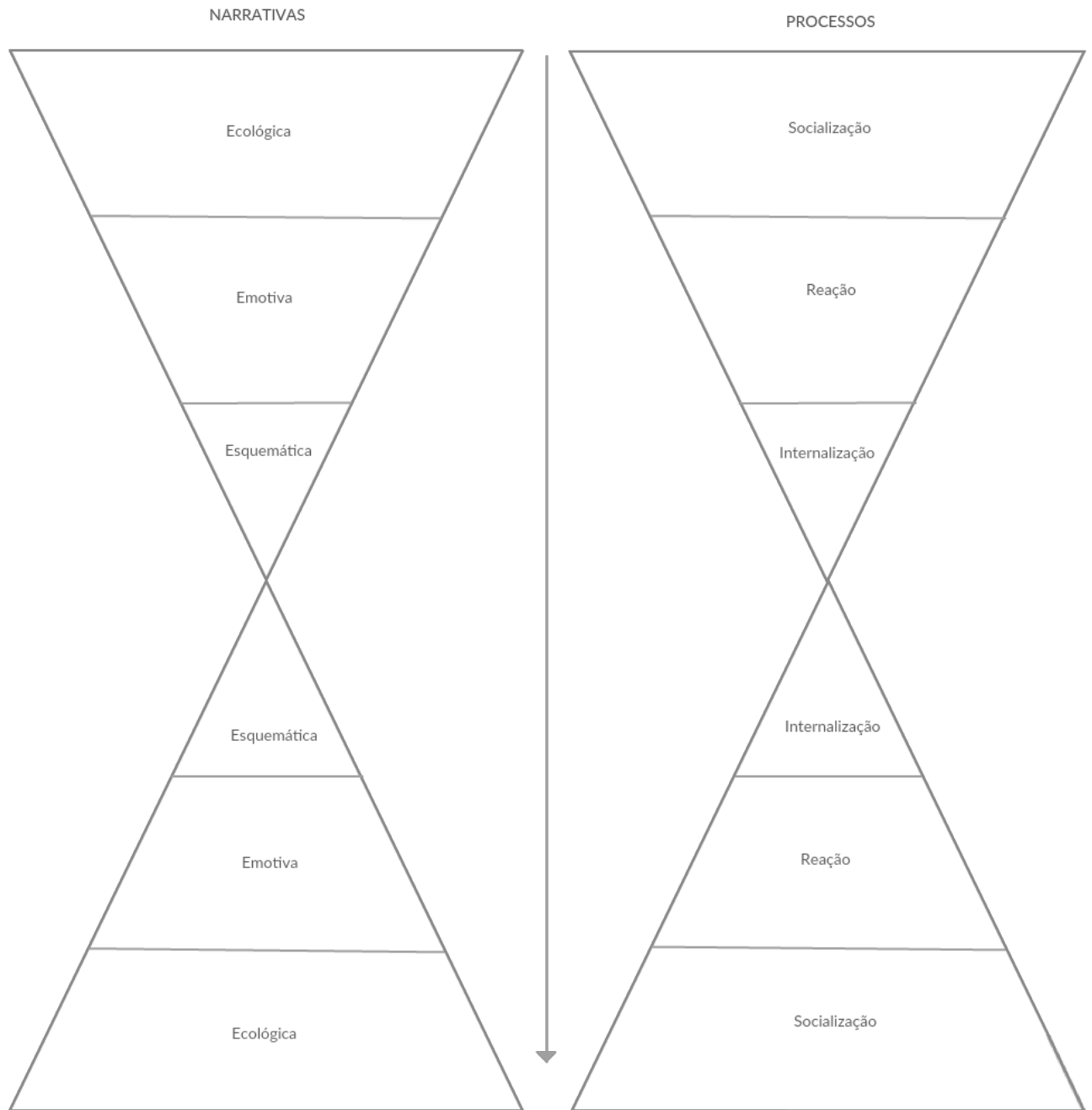
Unindo ambas vertentes no diagrama a seguir, parte-se da influência do externo na formação individual até a sua internalização e resposta de volta ao meio.

³⁵ Castro & Mattos, 2009, p. 797

Essa passagem de influenciados para influenciadores espelha-se nas narrativas citadas anteriormente.

Assim, as narrativas da coluna esquerda podem se relacionar com processos da psicologia social sociológica (coluna direita), considerando a socialização, reação (resposta afetiva) e individualização (internalização e subjetivação), como correspondentes a cada uma das narrativas.

Levando em consideração esse diagrama, três eixos ganharam destaque ao longo da eleição de Jair Bolsonaro, o primeiro eixo faz referência ao grande fluxo de memes produzidos pelos seguidores do candidato, o segundo concerne a utilização de informações para a cooptação de eleitores, como por exemplo a criação da narrativa do kit gay, e o terceiro eixo tem o antipetismo como central.



Esquema 1: Fluxo dos processos narrativos, Fonte: elaboração primária.

8.1 MEMES

Fenômeno originário das mídias sociais, os memes incorporam a influência do ambiente virtual, e o seu caráter humorístico depende da interpretação de cada um, ou seja, caso correspondam com os seus esquemas mentais sobre o que é engraçado ou não (passando pelo processo socialização>reação>internalização demonstrado no esquema anterior). O gerenciamento imagético, pode ser utilizado para construir

pseudoambientes descontraídos e atrativos para um público jovem. Partindo da análise de Baccarin (2018), é necessário, portanto, partir da ideia de que memes devem ser examinados como discursos públicos construídos socialmente, podendo representar diferentes vozes e perspectivas³⁶.

“No discurso vernacular de internautas, a tag ‘meme da Internet’ é comumente aplicada para descrever a propagação de itens como piadas, rumores, vídeos e sites, de pessoa para pessoa via Internet.” (SHIFMAN, 2014)

Durante os grupos focais lemos este trecho do trabalho da pesquisadora Esther Solano, que fala sobre a importância dos memes na campanha de Jair Bolsonaro:

“O uso das redes sociais, a utilização de vídeos curtos e apelativos, o meme como ferramenta de comunicação, a figura heroica e juvenil do ‘mito’ Bolsonaro, falas irreverentes e até ridículas, falas fortes, destrutivas, contra todos, são aspectos que atraem os jovens. Se, nos anos 70, ser rebelde era ser de esquerda, agora, para muitos destes jovens, é votar nesta nova direita que se apresenta de uma forma cool, disfarçando seu discurso de ódio em formas de memes e de vídeos divertidos: O Bolsomito é divertido, o resto dos políticos não” disse um aluno de 14 anos que Esther Solano entrevistou.” (SOLANO, 2018)

A partir desta leitura, deu-se este diálogo entre os participantes do grupo focal:

PARTICIPANTE A1 — Eu diria que, se desse, eu esmiuçaria a fala dela em vários trechos porque quando ela fala que o Bolsonaro é o novo cool comparado com o passado essa frase é de um cara do InfoWars que é o Paul Joseph Watson que fala que o conservadorismo é o novo punk, acho que ela tirou essa ideia de lá, deve ter sido difundida, né? Essa questão de ser criança também acho que influencia muito o público dele, o eleitorado dele vai crescer muito na próxima eleição, a pessoa que tem 14 anos vota nele, talvez tenha esse perfil de ser mais suscetível a vídeos curtos, a memes, a informações fatiadas, a ver ele dar alguma “mitada”, os amigos do meu irmão acho que enquadrariam nesse perfil, acho...

PESQUISADORA — Seu irmão tem quantos anos mais ou menos?

³⁶ MILNER, 2013

PARTICIPANTE A1 — 14, exatamente essa idade, acho que se enquadram, mas é dispensável, é você considerar como eleitor uma parcela da população que nem vota, e que nem ele falou acho que se você for subindo a idade você vai vendo uma argumentação um pouco mais concisa, um porquê de votar nele mais válido do que ter visto ele dar uma “mitada” no meme.

PARTICIPANTE B1 — Tem a galera do oba-oba e a tem a galera que vai...

PARTICIPANTE A1 — É tem a galera do oba-oba... Você vai achar em todas as idades, acredito que quando você é criança você vai encontrar mais gente assim do que quando você for progredindo principalmente na universidade, se pegar o público universitário é muito difícil você achar gente fora desse nosso perfil que seja desinformado ou qualquer coisa do tipo, porque a gente toma muita porrada, né? Da esquerda, tipo: “como assim você vai votar no Bolsonaro?”, então tem que estar sempre bem informado.

Vale pontuar que as reações nos grupos mais jovens (4 e 5), tanto com relação aos vídeos como com relação aos memes, envolvia sempre uma troca de olhares considerando aquilo que eles estavam vendo como engraçado. Os memes, como uma expressão construída coletivamente, representam um mecanismo a mais para que os cidadãos se manifestem, sem passar necessariamente pelos enquadramentos discursivos fornecidos pela mídia, atraindo novas e múltiplas atenções.

Um dos memes apresentados circulou após a facada levada por Jair Bolsonaro. Os grupos de ensino superior acharam o meme “fraco” ou que “a direita consegue fazer um meme melhor do que esse”, enquanto a reação dos estudantes do Ensino Médio, e das não estudantes do Grupo 5, foram risadas.



Imagem 4: Meme 1. Fonte: WhatsApp

Paul Reboux (1950) sugere que o humor é “tratar as coisas sérias com leveza e com seriedade as coisas leves”. Assim, ele atua como válvula de escape para momentos de tensão, mas também facilita a captação de atenção, alivia a ansiedade, fortalece laços de solidariedade e torna o aprendizado mais divertido, além de persuadir e até mesmo infundir ações coletivas.³⁷ Desta forma, um meme tem o poder de suavizar e banalizar diversas temáticas, adquirindo alta capacidade de dispersão.

PARTICIPANTE I4: Eu e os meus amigos zoamos muito os memes do Bolso, são engraçados, né.

8.2 Fake News (Kit Gay)

Dentre os fatores que despertaram nos jovens maior interesse no candidato, merece destaque o papel da publicidade negativa na formação de sua imagem:

PARTICIPANTE E2 — Eu basicamente fui na tática que ele gosta de pregar que é deixar que falem mal dele porque alguém uma hora vai se interessar e buscar a verdade por trás (...) eu sempre olhava e duvidava, tipo, perguntava “pô, não é possível que o cara falou isso ou que ele pensa desse tal jeito”.

Vallone, Ross e Lepper (1985) demonstraram a existência desse fenômeno, conhecido como “fenômeno da mídia hostil”, através de um experimento. Nessa demonstração, grupos partidários rivais foram expostos a apresentações imparciais e equilibradas da mídia acerca dos candidatos partidários, e os membros dos dois grupos consideraram essas apresentações como hostis ao seu lado, alegando que ela não os apresentou “de maneira verdadeira”.

Em outro experimento, os pesquisadores Giner-Sorolla & Chaiken (1994) exibiram noticiários de televisão sobre conflitos no Oriente Médio (mostrando massacres, em 1982, de civis em campos de refugiados no Líbano) a estudantes pró-árabes e pró-Israel. Conforme se esperava, cada lado considerou os noticiários tendenciosos em favor do outro lado. Isto é, nota-se que os participantes desses

³⁷ BRANAGAN, 2007 apud TAY 2012

estudos estavam motivados a enxergarem as situações de forma que confirmassem seus esquemas mentais e a forma como veem o mundo. Assim, mesmo depois que os esquemas são desacreditados, eles podem persistir.³⁸

As *fake news* surgem no cenário de pós-verdade citado anteriormente, no qual as pessoas se importam mais com o viés de afirmação das notícias, isto é, com informações que reforcem o seu ponto de vista, do que com os fatos em si, e a fronteira entre verdade e mentira se torna embaçada³⁹.

Diferente do experimento realizado por Giner-Sorolla & Chaiken (1994), o surgimento de duas visões opostas acerca de um mesmo fato ganha um reforço visual no ciberespaço, e os fatos podem ser manipulados e compartilhados rapidamente em formato de notícia, sem a precisão e credibilidade de um editorial.⁴⁰ Em um cenário eleitoral o compartilhamento dessas notícias falsas pode prejudicar ou favorecer a construção da imagem de um candidato.

PARTICIPANTE J4 — Elas atrapalham muito, né? As Fake News... ao candidato porque tem muita gente que coloca, vamos dizer, reportagens mentirosas sobre ele, coisas que ele não é e atrapalha bastante os votos, né?

Foram apresentados 2 vídeos nos grupos focais, tendo sido um deles publicado pela página Verdade Política na plataforma YouTube, após entrevista concedida ao Jornal Nacional (29 de Agosto de 2018). Ao longo do vídeo⁴¹, Bolsonaro afirma que os livros foram distribuídos em escolas públicas e que o livro em suas mãos foi dado por uma diretora.

Nesse mesmo vídeo, Bolsonaro faz menção à nota do MEC de 2016 que afirma que o livro foi publicado pela CIA da Letras, mas alega que a editora deu os livros para Ministério da Educação (MEC) a título de brinde, pois assim o Ministério poderia passar de “isento”:

A obra “Aparelho Sexual e Cia” nunca foi produzida, adquirida, ou distribuída pelo MEC. Trata-se de uma publicação da Cia das Letras. A editora informa em seu

³⁸ ARONSON et al, 2010

³⁹ MODREANU, 2017

⁴⁰ UNESCO, 2018.

⁴¹ Foi feito download do vídeo no dia 06/09/2018, hoje ele se encontra fora de ar.

catálogo que a obra já vendeu 1,5 milhão de exemplares em todo o mundo, publicada em 10 idiomas.

Essa questão já foi respondida oficialmente pelo Ministério da Educação, em 2013, à imprensa: “A informação sobre a suposta recomendação é equivocada e que o livro não consta no Programa Nacional do Livro Didático/PNLD e no Programa Nacional Biblioteca da Escola/PNBE”. (MEC em Nota Oficial, 13/01/2016)



Imagem 3: Bolsonaro apresentando o livro Aparelho Sexual e Cia.

Fonte: Canal Verdade Política.

O ministro Carlos Horbach, do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), determinou, em Outubro de 2018, 1 mês após a coleta do vídeo, a suspensão de links de sites e mídias sociais com a expressão “kit gay” usados pela campanha de Jair Bolsonaro (PSL) para atacar o candidato Fernando Haddad (PT).

Esse suposto “kit gay” seria uma referência ao material chamado Escola Sem Homofobia, encomendado pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados ao Ministério da Educação. Entre os principais objetivos da cartilha estavam a promoção de “valores de respeito à paz e à não-discriminação por orientação sexual”. Organizações como o Conselho Federal de Psicologia e a UNESCO emitiram parecer favorável a implementação da cartilha. Porém, o projeto sequer chegou a ser executado pelo Ministério.

Assim, a difusão da informação equivocada de que o livro em questão teria sido distribuído pelo MEC (...) gera desinformação no período

eleitoral, com prejuízo ao debate político, o que recomenda a remoção dos conteúdos com tal teor", assinalou Horbach.

Ou seja, o “Kit Gay” virou referência a uma cartilha não implementada pelo Ministério da Educação, um livro que havia sido publicado pela companhia das Letras.

PARTICIPANTE L5 — Eu acho que criança não pode ver essa coisa de gays porque ela não está muito formada... vai que ela é influenciada.

PARTICIPANTE I4 — Não tem que ficar incluindo “kit gay” em um grupo na escola assim não.

Optou-se por transcrever os seguintes diálogos em sua integridade com o objetivo de ilustrar os pontos supracitados. Vale enfatizar que são diálogos feitos por estudantes de graduação, que, diferente dos alunos de ensino médio e dos não estudantes, apresentam maior sofisticação:

GRUPO FOCAL 1

PARTICIPANTE B1 — Eu acho que uma coisa é latente. O livro existe. Não foi o Bolsonaro que mandou imprimir e distribuir. O livro existe. Na França, há pouco menos de 2 semanas, a idade mínima de relações sexuais não existe mais, não tem mais limite. A quem interessa esse tipo de coisa? A sexualização das crianças... O que isso contribui no crescimento? Eu acho que isso não é dever do Estado, é dever da família, eu acho que isso deve ser tratado em âmbito familiar, sexualidade não pertence ao Estado. Sexualidade pertence ao indivíduo, e a primeira célula dele é a família. É a célula formadora dele. Então eu acho, e nisso eu concordo muito, eu acho que o estado não deve gerir a sexualidade das pessoas desde a infância, isso cabe à família. Então eu concordo com a posição dele, não sei se é uma tentativa de legalizar a pedofilia, mas é uma tentativa de sexualizar crianças e isso eu não concordo. Eu acho que isso não é sadio, não tem Simone de Beauvoir que me convença de que isso é sadio. Isso está no âmbito da família, o Estado não deve tratar da sexualidade das

pessoas. Isso até, claro, obviamente o estado deve tratar sobre o respeito as diferenças, mas pra isso existem as leis. Mas de resto, isso deve ser tratado no âmbito familiar.

PARTICIPANTE A1 — De forma pessoal, eu concordo 100% com a fala dele. Mas fazendo a análise política da questão, eles tentaram colocar muito esse livro com a ideia de Fake News, a fala dele como se fosse uma fake News, a questão é que o livro existe e existem programas do governo, desde os anos 2000, que tentam impor a ideologia de gênero nas escolas, normalmente o programa nacional de direitos humanos, a terceira edição dele possui artigos claros de imposição disso nas escolas, e o brasileiro tem sentido isso se você fizer uma digitação básica no Google e pesquisar “pais revoltados com material homossexual pros filhos”, você vai encontrar diversas cidades onde os pais foram na câmara dos vereadores ser contrários a isso. Então, eu diria que existe essa revolta popular já, com a questão da ideologia de gênero nas escolas, e eu já vi livros no material da minha irmã de 6 anos, o 5º livro que ela estaria lendo na vida era muito mais sutil do que esse daí que você colocava o dedo. Era sobre uma garota chamada Alessandra e ela queria se chamar Alex e ela passava no livro por uma transformação transgênero, no final ela se chamava Alex e todo mundo tinha que chamar ela pelo nome social e era bem sutil, mas assim minha irmã tem 6 anos, entende? É uma micro formação do pensamento da criança desde a pré-alfabetização. E a população ela tem sentido isso, o livro chega nos pais, e os pais leem o material dos filhos então quando ele fala isso, ele concentra esses votos. O nosso país já tem essa preocupação com uma figura que vai se opor a esse tipo de baixaria.

PARTICIPANTE B1 — Eu tenho uma ideia de retrocesso. No mundo até o século XX, as crianças eram tratadas como mini adultos eu acho que a gente está voltando com essa mentalidade de que elas são mini adultos. Elas não são mini adultos, as crianças são seres humanos em formação. Então, você pega uma criança, e isso foi notícia da semana passada, de 9 anos que morreu, porque chegou pros pais e disse, aliás eu não sei se morreu, mas que chegou pros pais e disse que gostava de menino, o que que uma criança de 9 anos sabe de sexualidade? O que uma criança sabe sobre esse tipo de coisa? Não é um mini adulto, é um ser humano em formação. Tipo uma coisa absurda é que uma criança de 9 anos vá definir a sua sexualidade pelo resto da vida. 9 anos? 9 anos eu estava brincando!

PARTICIPANTE A1 — Não tava pensando se era hétero ou homo...

PARTICIPANTE B1 — Eu acho que a criança não tem essa noção de heterossexualidade ou homossexualidade, enfim. Eu acho que isso é um retrocesso, tratar as crianças como pequenos adultos. Como se já tivessem a sua mentalidade formada! Não são pequenos adultos... são seres humanos em formação e tudo pode acontecer até os seus 18, 21, 30 anos de idade, a gente tem muita certeza da vida, mas tudo pode acontecer de mudança. Não se define o rumo da sua vida inteira aos 8, 9 anos de idade. Os pais atentam a isso “Ai, Meu Deus meu filho decidiu isso pro resto vida inteira”. É uma criança, uma criança.

PARTICIPANTE C1 — É eu concordo, acredito que isso não deva ser tratado no âmbito da escola, deva ser tratado no âmbito familiar. A única coisa que deve ser tratada na escola são DST's, métodos contraceptivos e no mínimo no 9º ano e é isso.

GRUPO FOCAL 2

PARTICIPANTE D2 — Eu vi diversos vídeos dessa cartilha chegando em escolas, inclusive, dos próprios pais denunciando que esse livro chegou nas escolas e, tipo, criança de 7 anos vendo essas coisas e eu não duvido não porque não é possível que os vídeos que comprovam que elas chegaram e ele falando o pessoal acha que é mentira, eu acho totalmente errado, você não deve abordar a sexualidade com criança. Eu acho que abordar a sexualidade deveria ser de 14 pra cima porque pra mim disso daí pra baixo continua sendo criança. Você tem que manter a inocência da criança porque eu já vi diversas crianças que tão na rua brincando, eu nessa idade não tinha essa, essa... eu não era precoce assim não, eu realmente era muito inocente e eu vejo saindo coisas da boca deles relacionadas a sexo que eu fico de cara, eu “pelo amor de Deus o que está acontecendo com essas crianças” e esse livro pra mim ele incentiva sim, essa questão da criança desenvolver a mentalidade sexual e não vejo a necessidade de entregar isso para crianças de abaixo de 14 anos. Você pode abordar isso, tranquilamente, no ensino médio ou numa oitava série onde as crianças já estão com 14, alguns já quase fazendo 15, mas falar disso com criança é totalmente desnecessário, criança tem que ser inocente, tem que brincar e não tem que saber

disso. Também a gente não pode deixar ela, sei lá, uma pessoa vai toca ela em partes que não pode, isso aí é mais questão do pai e da mãe mesmo falar e explicar, “filho, não deixe que a pessoa passe a mão nessas partes” não precisa entrar, abordar sobre sexo, que querendo ou não, tipo, dependendo da forma que você aborda, isso pode incentivar a criança a começar a sua vida sexual muito cedo, você pode até ver também o reflexo da sociedade: muitas crianças de 10 anos engravidando. Eu fico de cara quando eu vejo pré-adolescentes ou crianças engravidando, eu fico “meu Deus o que aconteceu, onde é que o pessoal errou aí” e eu penso isso.

PARTICIPANTE E2 —... não quero falar do método em si da cartilha, tipo, dos motivos de distribuir a cartilha mas vou focar mais no mérito de porquê as cartilhas existirem. Porque, olha, uma coisa que eu tenho certeza que muita gente não concorda, vai ter horror de ouvir, mas é a mesma questão do aborto, muita gente fala que isso é questão de intolerância ou de que aborto é questão de escolha e tal, mas o motivo para isso é muito mais exclusivo, como o Bolsonaro mencionou no vídeo (mas eu vou explicar mais a fundo aqui), essa questão da pedofilia, agora isso vai ser... muita gente vai achar isso muito, muito desconcertante, mas existe uma relação direta e muito forte do movimento LGBT com a pedofilia porque há uma movimentação principalmente internacional do, como eu acompanho muito a política dos Estados Unidos, eu tenho muito contato com isso, que existem grupos do, eu não vou falar o quanto mas é um grupo considerável dentro do movimento LGBT que visa de toda maneira relativizar o comportamento do pedófilo para de alguma maneira minimizar o... eu esqueci o termo certo, mas suavizar o comportamento pedófilo porque você vê muito hoje em dia... são movimentos LGBT criando artigos, escrevendo colunas falando que a pedofilia não tem que ser vista como crime tem que ser vista como, é... nem como distúrbio mental, antes era vista como crime e agora é distúrbio mental, nem é mais distúrbio mental é ver como uma opção, uma orientação... assim como a pessoa pode ser hétero ou gay, ela pode hétero, gay ou pedófila, sabe? É, literalmente isso. Então tem muita relação do movimento LGBT com isso com a questão da pedofilia e ao estimular, principalmente, pessoas de 6, 7, 8 anos, a engajar nesse tipo de atividade logo tão cedo seria uma forma de facilitar o comportamento predatório de estupradores e pedófilos porque a partir do momento que você insere esse tipo de coisa na vida de uma pessoinha ela vai começar a ver com maior naturalidade, uma maior normalidade... as consequências pros pedófilos seriam supostamente menores

porque como a pessoa já relativizaria isso (a partir de um ponto de vista acadêmico) porque a pessoa pensa que “aprendi isso aqui na escola, então se ele quiser fazer comigo, né”, porque tem muita, a gente sabe que tem muita pessoa ingênua com 20 anos, imagina com 8 anos... Então, é uma tentativa de normativizar esse comportamento para facilitar o comportamento predatório de adultos com interesse nisso... Margaret Sanger, não sei se vocês conhecem, que o aborto tinha sido considerado por ela como prática eugênica, ela queria que o aborto fosse visto como uma escolha feminina sobre o corpo dela, enfim, o discurso que é, mas a Margaret Sanger como todo mundo sabe, pelo menos eu espero que todo mundo saiba, ela era uma supremacista branca que ela queria a diminuição da população afrodescendente, ou seja, ela de início sugeriu que o aborto fosse legalizado, só pra as populações afrodescendentes... se agora, hoje, você perguntar pra uma feminista ou alguém que defende o aborto, por quê defender o aborto, ele vai falar “porque as beneficiadas vão ser as mulheres mais pobres e negras” então, vai ter menos gente pobre e gente negra, ou seja, é uma prática eugênica. Então ela não tá preocupada com escolha, sabe? Então é a mesma coisa dessa questão da cartilha é o que... é sobre a pretensão de ser contra a intolerância, contra a homofobia, pra ensinar desde cedo a tolerar o diferente? Não. Eles querem induzir uma atividade libidínica para pessoas pequenas para facilitar o ato de predadores que visam muito o (eu não vou fazer relação entre LGBT e pedófilo porque isso é discussão extensa e eu nunca estudei 100% então existem nuances) mas existem vários e vários estudos sobre a relação do abuso infantil e depois ter problemas de sexualidade mais pra frente, então isso nasceu e cresceu no movimento LGBT e eles usam os LGBT como preceito pra espalhar essa prática que eles querem usar para facilitar a pedofilia.

GRUPO FOCAL 3

PARTICIPANTE G3 — Eu concordo com essa visão, tenho a mesma visão, acredito que nenhum ser humano é movido 24h por necessidades fisiológicas, desejos fisiológicos, acho que isso leva a destruição individual da pessoa, isso prejudica nossos relacionamentos com as pessoas, com nossos amigos e porque eu tenho essa mesma visão? Porque o que vejo na UnB se assemelha muito a isso, aqui na UnB, à noite, por aí, de vez em quando a gente anda e eu não acho que ele tá excedendo de maneira alguma, entende, e eu acho que há uma tentativa de sexualização, de

banalização de uma coisa que é muito íntima, o que pertence à sua intimidade pessoal, e eu acredito que isso é uma coisa infundável - não tem fundamento, não tem base. Você preceder um direito com base em um desejo, desejo sexual, acho que isso leva a destruição psicológica das pessoas, destruição emocional e eu acredito também que um dia as pessoas podem querer voltar atrás podem olhar o que aconteceu no passado e podem se sentir grandemente ressentidas por isso, “poxa, eu poderia ter evitado isso e tal” então eu tenho a mesma visão.

PESQUISADORA — E você, F?

PARTICIPANTE F3 — Bom, o Bolsonaro falou de uma forma bem tranquila nesse vídeo, bem diferente do que ele falou dos embates que ele teve na comissão de educação, eu concordo sim com o que ele falou nesse vídeo, eu vejo, mas pessoas acham que “ah, não existe o kit gay”, existe o kit gay sim, é só você pegar diversas reportagens, especialmente da Record, que ela pega pais, mostra pegando na mochila do filho esse tipo de caderno, no caso, eu não sou nem contra a escola trabalhar essa questão da homofobia, porque eu sei que existe, eu estudei muito tempo numa escola que tinha um garoto gay, ele era discriminado, mas assim, eu acho que essa questão deve ser trabalhada por psicólogo e tudo mais, porque eu acredito que se certas pessoas trabalham para apoiar esse tipo de coisa, ela pode estar abrindo caminhos desfavoráveis. Por exemplo, o André Lázaro, na comissão ele fazendo brincadeira, dizendo que estava montando videozinho que falava assim “ah, mas a gente ficou discutindo horas até quando a língua de uma garota entrava na língua de outra garota” e esse vídeo ia ser passado nas escolas, não tenho problema nenhum em passar vídeos lésbicos, nem nada, mas você tem que analisar a faixa etária das crianças e você colocar isso numa turma de 14 anos, de 15 anos para trabalhar essas questão da sexualidade, até mesmo da gravidez precoce, porque é um problema atual da nossa sociedade, mas se você começar a trabalhar a partir dos 6 anos essas questões de sexualidade e tudo mais, quando um adulto passar a mão numa garota pequenininha ela vai achar normal porque é a liberdade sexual dela e não vai falar pra mãe, não vai falar pro pai, esse tipo de coisa, e isso é problema sério, pedofilia é um problema sério. Eu tava vendo nos Estados Unidos tinha uma organização de pedófilos que queria legalizar a pedofilia, e tudo mais, eu verifiquei, não era Fake News, até vi a Jovem Pan comentando esse tipo de coisa...

Isto é, apesar de serem apresentados vídeos em que Jair Bolsonaro mentia sobre a distribuição do “Kit Gay”, os seus apoiadores buscavam justificar o porquê de concordarem com a opinião do candidato, ignorando o fato de que o que estava sendo discutido era a falsa distribuição das cartilhas pelo Ministério da Educação. É recorrente a menção aos “vídeos que mostram pais encontrando livros nas mochilas das crianças” como principal elemento de lastreamento de suas falas.

Com base na obra de Lippmann (pp.30-40, 1922), a opinião pública é construída a partir das reações dos seres humanos a um mundo percebido, ou desenhado nas suas mentes. Esta imagem do mundo pode ser feita por um indivíduo ou transmitida a ele, tornando-se um estereótipo que intenciona simplificar a apreensão da realidade em si. Essa imagem é chamada por ele de “pseudoambiente”

Segundo a sua teoria, a opinião pública é também produto de gerenciamentos. Diante disto, ele defende que os especialistas (ou intelectuais) se encarreguem de serem os guias da opinião pública, administrando as imagens que constroem o pseudoambiente. Ora, essa administração pode ser tanto benéfica quanto maléfica, podendo atuar em favor de um candidato que saiba do seu potencial, havendo a possibilidade de distorção da realidade. Tais conceitos ajudam a ilustrar o diagrama apresentado no começo do capítulo.

8.3 Antipetismo

O antipetismo não é novo e inúmeros autores abordam sua construção histórica desde o começo das campanhas presidenciais de Lula em 2002⁴². Para analisar o leque antipetista no âmbito dos grupos focais, é necessário levar em consideração a tipologia de partidarismos proposta por Rose e Mishler (1998): a) “o partidarismo negativo”, em que o eleitor afirma jamais votar em um determinado partido sem no entanto apresentar uma identidade partidária positiva; b) “o partidarismo fechado”, que manifesta uma polarização nós x eles, em que o eleitor apresenta simultaneamente uma identidade partidária positiva e negativa; c) o “partidarismo apático”, que situa um eleitor sem identidades positivas ou negativas; d) o “partidarismo aberto”, que caracteriza um eleitor comprometido com uma visão

⁴² MUSSE, 2018.

positiva de partido político e que não se identifica com um partido em que nunca votaria.

No que concerne os entrevistados, vale pontuar que, para os estudantes de ensino médio e para os não-estudantes, a noção de partido é complexa e considerada “não importante” (PARTICIPANTE K5), podendo enquadrá-los na definição de partidarismo negativo com relação ao PT, mas não pelas pautas do partido, e sim pelos escândalos de corrupção que envolveram os seus membros, pelo impeachment de Dilma Rousseff em 2016 e a prisão de Lula em 2018. O foco é no adversário, tanto que eles não sabiam o que significava a sigla do partido PSL, partido que eles deram o voto.

No caso dos estudantes do ensino superior, seria o caso do partidarismo fechado, considerando que todos se identificaram com pautas conservadoras e estabeleceram uma divisão nós versus eles (Brasil X PT, Bolsonaro X Lula, Mudança X Comunismo, Mudança X Corrupção, Tradição X Bagunça), porém sem a identificação positiva com o partido de Jair Bolsonaro (PSL) e a divisão PSL X PT.

Percebe-se que os partidos ganham dessa forma uma personalização, focada na figura de Jair Bolsonaro ou de Lula, sendo que o último não era candidato à Presidência, mas, de acordo com um dos participantes (L5), é “Lula que manda em todo mundo, mesmo da cadeia, a gente sabe, não somos bobos.”

Como argumentam Borges & Vidigal, esse antipetismo não significa necessariamente um crescimento da direita conservadora e extremista, estando mais relacionado a avaliações negativas de parte do eleitorado com respeito aos governos do PT (BORGES e VIDIGAL, 2018).

Desta forma, algumas hipóteses complementares podem ser apresentadas a partir dos processos narrativos, visando contribuir para o debate proposto por Rose e Mishler (1998):

Socialização

Hipótese 1: O antipetismo foi influenciado pela socialização primária, no ambiente familiar, constituindo-se assim em uma narrativa que se constrói baseada nas vivências dos familiares, trazendo críticas aos governos petistas, em sua totalidade, ou a partir do mandato de Dilma Rousseff.

PARTICIPANTE H4 – Bem, eu acho que pelos 16 anos de PT, né, meu pai disse que o PT não fez quase nada no governo e eu acho que, com o Bolsonaro, acho que mudaria alguma coisa através dos planos de governo dele.

Hipótese 2: O antipetismo foi impulsionado pela socialização virtual, na qual a circulação e consumo de notícias relacionadas à corrupção no partido ganharam força graças à superficialidade de discussões e propagação de Fake News.

PARTICIPANTE J4: A verdade é uma só. O PT é só roubalheira, era impossível votar no outro lá... Haddad. Eu acompanhei todos os escândalos, era tudo URGENTE, você não lembra?

Hipótese 3: O antipetismo foi reafirmado em círculos sociais escolares, que possibilitaram que as bolhas reproduzissem o mesmo conteúdo contra o partido, da mesma forma que na esfera online.

PARTICIPANTE I4: Eu e os meus amigos fazemos algumas piadas com os petistas/esquerdistas/comunistas, tudo a mesma coisa, lá da sala.

Reação

Hipótese 4: O antipetismo foi uma reação de insatisfação, indignação e desconfiança com os escândalos de corrupção e funcionamento da máquina pública como um todo, sendo uma pauta extremamente difusa (Borges e Vidigal 2018).

Internalização

Hipótese 5: O antipetismo incorporou os esquemas mentais de cada indivíduo, e impossibilitou uma análise crítica dos governos petistas, pois quaisquer informações que fossem de encontro com os pré-conceitos negativos acerca do Partido dos Trabalhadores eram descartadas.

PARTICIPANTE I4: Pra mim o Ciro, eu acho que ele não estava diretamente concorrendo assim, pra mim ou era Bolsonaro ou era Haddad. Então entre os dois eu

prefiro Bolsonaro, ele não é PT, tem muita coisa que eu não concordo com ele, mas acho que é a melhor opção.

Hipótese 5: A internalização do antipetismo se potencializou com o novo antilulismo nascido a partir da prisão de Lula em 2018.

PARTICIPANTE F3: Lula é PT, PT é Lula, quando eu falo que não voto no Lula eu não voto no PT, é tudo a mesma coisa, ele que controla tudo mesmo na cadeia.

Hipótese 6: O antipetismo foi usado como justificativa para validar o discurso de combate à corrupção, e considerando a máxima “ninguém defende corrupção” surge a incapacidade de um diálogo.

PARTICIPANTE G3: Eu sou contra a corrupção, então vai contra todos os meus valores votar em um partido sujo que nem esse.

Todas as hipóteses construídas ao longo da monografia merecem ser investigadas em estudos futuros, e tais testes vão além dos objetivos e possibilidades desse trabalho.

Considerações Finais

Esta monografia teve como objetivo principal entender o processo de construção de narrativas do jovem eleitor de Bolsonaro, assim, devem ser considerados os papéis da família, ambientes escolares e virtuais como centrais para a obtenção de informações, passando por como uma pauta afeta o eleitor até como ele incorpora as interpretações aos seus esquemas mentais, e claro, deve-se enfatizar que todas as narrativas concernem as interpretações individuais dos dados.

Por meio da utilização de grupos focais como metodologia central, vale destacar a importância da construção de uma relação de confiança com os entrevistados, assim como a necessidade uma equipe que possa auxiliar na realização dos grupos, com equipamentos de gravação e anotações, por exemplo.

Levando em consideração o ambiente político polarizado no qual foi realizada esta pesquisa, houveram limitações no que concerne a quantidade de participantes considerando a dificuldade em localiza-los devido ao próprio fenômeno das narrativas não-expressas e a espiral do silêncio discutidos nesse trabalho, assim como a falta de financiamento, que impediu uma amostra maior

Com o objetivo de ilustrar a união de duas vertentes da psicologia social, sociológica e psicológica, foi criado um diagrama, e partindo dele foram discutidas a formação de uma das fake news que mais circularam no período eleitoral (o kit gay), o papel dos memes no cenário político e foram levantadas hipóteses complementares para justificar o antipetismo.

Dada a curta produção acadêmica de um fenômeno tão recente, este trabalho essencialmente qualitativo, reconhece a sua incapacidade de generalização, e como proposta de agenda futura de trabalho para essa área, recomenda-se uma pesquisa qualitativa com os eleitores arrependidos, que não receberam devido enfoque no trabalho devido ao recorte temporal escolhido, assim como um trabalho que aplique as narrativas aqui dispostas em um candidato nas eleições de 2022.

A complexidade dos eleitores foi o aspecto que considerei mais relevante, e as disputas narrativas vão além dos reducionismos (como chamar todo um eleitorado de fascista), que estávamos acostumados a ouvir. Falar de um eleitorado é também falar dos sonhos, frustrações e valores de milhares de pessoas, sendo que tais aspectos não são construídos na véspera de uma eleição.

Referências Bibliográficas:

AGGIO, Camilo et al (Org.). Do clique à urna: internet, redes sociais e eleições no Brasil, Salvador: EDUFBA, 2013.

ANTUNES, Rui Jorge (2008). Identificação partidária e comportamento eleitoral fatores estruturais, atitudes e mudanças no sentido de voto. Coimbra.

AVRITZER, Leonardo. “Sociedade civil, instituições participativas e representação: da autorização à legitimidade da ação”, DADOS, v. 50, n. 3, 2007, p. 443-464.

BACCARIN, Matheus (2018). #EleiçãoSemLulaÉFraude x #MoluscoNaCadeia: Memes no julgamento do Lula e o confronto de enquadramentos por meio do humor.

BAQUERO, M.; Linhares, B. F. “Por que os brasileiros não confiam nos partidos? Bases para compreender a cultura (anti)partidária e possíveis saídas”. *Revista Debates*, vol. 5, nº 1, p. 89-114, 2011.

BEGON, Michael; TOWNSENDE Colin R.; HASPER, John L. *Ecologia de Indivíduos e Ecossistemas*. Tradução de: SANCHES, Adriano. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CARVALHO, BORGES e RÊGO. *Interacionismo Simbólico: Origens, Pressupostos e Contribuições aos Estudos em Psicologia Social*. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2010, 30 (1), 146-161.

Castro & Amana R. Mattos. 2009. O que é que a política tem a ver com a transformação de si? Considerações sobre a acção política a partir da juventude. *Análise Social*, vol. XLIV, no 193, p. 793-823.

CASTRO, Mônica Matta Machado de. “Teorias sobre o comportamento político”. *Determinantes do Comportamento Eleitoral: a centralidade da sofisticação política*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1994. [tese de doutorado].

CILLIERS, Elizelle Juaneé. The challenge of teaching generation Z. Special Issue Volume 3 Issue 1, pp. 188 - 198 . Date of Publication: 21st January, 2017

CUZA, Alexandru. *The Post-Truth Era ?* University of Iasi, Romania, 2017.

DAMÁSIO, Antônio. *Ao encontro de Espinosa: As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir* (2003, edição revista e atualizada em 2012), Lisboa, Círculo de Leitores, 2012.

DAMÁSIO, Antônio. *O erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano* (1994, edição revista e atualizada em 2011), Lisboa, Círculo de Leitores, 2011.

DAMÁSIO, Antônio. O Sentimento de Si: Corpo, Emoção e Consciência (1999, edição revista e atualizada em 2013), Lisboa, Círculo de Leitores, 2013.

DIAS, Diana et al. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NAS REDES SOCIAIS: UM ESTUDO COM JOVENS UNIVERSITÁRIOS.

Eysenck, M. W. (1992). *Anxiety: The cognitive perspective*. London: Erlbaum.

GALLAND, Olivier. *Sociologie de la Jeunesse*. 6ème édition. Ed. Armand Colin, 2017.

GONDIM, Sônia Maria. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, 2003, 12(24), 149-161.

KUNDERA, Milan (1967). *A Brincadeira*.

LeDoux, J. (1996). *The emotional brain: The mysterious underpinnings of emotional life*. New York: Simon and Schuster.

LIPPMANN, W. *Opinião pública*. Petrópolis (Rio de Janeiro): Vozes, 2008.

Leech, N. L., & Onwuegbuzie, A. J. (2008). Qualitative data analysis: A compendium of techniques for school psychology research and beyond. *School Psychology Quarterly*, 23, 587–604.

Mair, P. “Os partidos políticos e a democracia”. *Análise Social*, vol. XXXVIII, nº 167, p. 277-293, 2003.

MARCUS, G.E. Emotions in Politics. *Annual Review of Political Science*. Vol. 3:221-250 (Volume publication date June 2000)

MARCUS, G. E., & MacKuen, M. B. (1993). Anxiety, enthusiasm, and the vote: The emotional underpinnings of learning and involvement during presidential campaigns. *The American Political Science Review*, 87, 672–685.

MARCUS, G. E., Neuman, W. R., & MacKuen, M. B. (2000). *Affective intelligence and political judgment*. Chicago: University of Chicago Press.

MIDÕES, Miguel. Caso Esmeralda e a Espiral do Silêncio de Elisabeth Noelle-Neumann. Trabalho realizado no âmbito do Mestrado em Comunicação Pública, Política e Intercultural, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2007/2008.

MUSSE, Ricardo (2018). Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/27/politica/1540648262_975469.html. Acesso em: 7 de Maio de 2019.

Nickerson RS (1998) Confirmation bias: a ubiquitous phenomenon in many guises. *Review of General Psychology* 2(2): 175–220.

NOELLE-NEUMANN (1977), "Turbulences in the climate of opinion: Methodological applications of the spiral of silence theory", *Public Opinion Quarterly*, 41 (2): 143–58, doi:10.1086/268371

Pariser E (2011) *The Filter Bubble: What the Internet is Hiding from You*. New York: Penguin Group.

Parsell, M. (2008). Pernicious virtual communities: Identity, polarisation and the Web 2.0. *Ethics and Information Technology*, 10(1), 41-56.

PEREIRA, Frederico. Sofisticação política e opinião pública no Brasil: revisitando hipóteses clássicas. *pin. Publica* vol.19 no.2 Campinas Nov. 2013

Perkins DN, Allen R, Hafner J (1983) Difficulties in everyday reasoning. In: Nickerson RS (ed) Confirmation Bias: A Ubiquitous Phenomenon in Many Guises. *Review of General Psychology*, Vol. 2(2), 1998, pp. 175–220.

PROVERBIO, Alice et al, 2014. Comprehending Body Language and Mimics: An ERP and Neuroimaging Study on Italian Actors and Viewers.

Rader E, Gray R (2015) Understanding user beliefs about algorithmic curation in the Facebook news feed. In: Begole B, Kim J (eds) Proceedings of the 33 rd Annual ACM Conference on Human Factors in Computing Systems, Seoul, Republic of Korea, 18–23 April 2015, pp. 173–182. New York, NY, USA: ACM.

REBOUX, Paul & MULLER, Charles. *A la manière de...* Paris: Grasset & Fasquelle, 1950.

RESSEL et al. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 779-86.

RICOEUR, Paul. (1991) *O si mesmo como um outro*. Campinas, Papirus

RICOEUR, Paul. (1994) *Tempo e narrativa I*. Campinas, Papirus.

RICOEUR, Paul. (1995) *Tempo e narrativa II*. Campinas, Papirus.

RICOEUR, Paul. (1997) *Tempo e narrativa III*. Campinas, Papirus.

Rose, R.; Mishler, W. “Negative and positive party identification in post-communist countries”. *Electoral Studies*, vol. 17, nº 2, p. 217-234, 1998.

SAVOIA, Mariângela Gentil. *Psicologia social*. São Paulo: McGraw-Hill, 1989

SHIFMAN, Limor. *Memes in Digital Culture*. Cambridge: MIT Press, 2014.

Smith, R. L. & Smith, T. M. (2001). *Ecology and Field Biology*, 6th edition. Benjamin Cummings, San Francisco.

SOLANO, Esther (2018). Crise da Democracia e extremismos de direita. *ANÁLISE* No 42/2018.

Stephan, C. W., & Stephan, W. G. (1985). *Two social psychologies: An integrative approach*. Homewood: Dorsey.

TAY, Geniesa. *Embracing LOLitics: popular culture, online political humor, and play*. Christchurch (Nova Zelândia): University of Canterbury, 2012. (Dissertação de Mestrado).

Tolstói, Leo. *The kingdom of God is within you*, 1894.

UNESCO. *Journalism, 'Fake News' & Disinformation. Handbook for Journalism Education and Training*, 2018.

Valentino, N. A., Hutchings, V. L., Banks, A. J., & Davis, A. K. (2008). Is a worried citizen a good citizen? Emotions, political information seeking, and learning via the internet. *Political Psychology*, 29, 247–273.